



**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

SECRETARIA GERAL PARLAMENTAR
Secretaria de Registro Parlamentar e Revisão

COMISSÃO DE FINANÇAS E ORÇAMENTO

PRESIDENTE: ALESSANDRO GUEDES

TIPO DA REUNIÃO: AUDIÊNCIA PÚBLICA
LOCAL: Câmara Municipal de São Paulo
DATA: 27/08/2019

OBSERVAÇÕES:

- Notas taquigráficas sem revisão
- Grafia(s) não confirmada(s)
- Orador não identificado
- Manifestação fora do microfone
- Suspensão

O SR. PRESIDENTE (Paulo Frange) – Bom dia, senhoras e senhores. Presidindo a 12ª audiência pública que a Comissão de Finanças e Orçamento realiza hoje, declaro abertos os trabalhos que têm por objetivo discutir os pontos levantados no Requerimento 34/2019, da Comissão de Finanças, que lerei em seguida.

Vou suspender os trabalhos por alguns instantes para recebermos o Secretário Bruno Caetano e outros que estão chegando.

- Suspensos, os trabalhos são reabertos sob a presidência do Sr. Paulo Frange.

O SR. PRESIDENTE (Paulo Frange) – Reabertos os trabalhos. Cumprimento e agradeço a presença de todos que estão aqui no auditório mais importante da Casa, espaço conhecido como Salão Nobre, o mais importante desta Casa em termos de espaço físico. Não sem menos importância, cumprimento os companheiros que estão no Plenarinho, no primeiro andar, e também no auditório externo, Freitas Nobre. Sejam todos bem-vindos.

O Requerimento que deu origem ao encontro de hoje partiu de um pedido do Fórum de Assistência Social, por meio do coordenador Francis Larry e da Darci, que nos procuraram para que apresentássemos o Requerimento da Comissão de Finanças, com o seguinte teor:

- É lido o seguinte: (Requerimento 34/2019)

O SR. PRESIDENTE (Paulo Frange) – Esse foi o requerimento aprovado.

Convido para compor a Mesa o Secretário Municipal de Educação, Bruno Caetano; a Secretária de Assistência Social, Berenice Maria Giannella; o Coordenador do FAS, Francis Larry.

Destaco a presença de Sebastião Marques, representando aqui a Secretaria da Fazenda. Está presente? (Pausa) Não está aqui neste momento. André Montoro, representando a Secretaria da Casa Civil. Obrigado pela presença. Vereador Isac Felix,

membro da Comissão de Finanças. Vereadora Soninha Francine, também membro da Comissão de Finanças e Orçamento.

Vamos conduzir os trabalhos com absoluta identificação com a figura da audiência pública da Câmara, mantendo as mesmas regras, para que todos se manifestem com seu tempo garantido, e vamos ouvir todos os inscritos. Nessa primeira etapa, vamos ter uma apresentação do Fórum de Assistência e as falas iniciais dos dois Secretários presentes, de Assistência Social e de Educação, em seguida ouviremos os inscritos.

Vamos cumprir a seguinte regra: o orador não parar sua fala e chamar mais um, mais um, mais um para falar durante sua fala; cada um terá seu tempo. Sempre que encerrar a fala, devolva ao Presidente e eu chamo o próximo orador, para que todos possam falar. É possível ouvirmos todos, que todos se manifestem, e também responder os questionamentos, os secretários estando presentes ou não, vão deixar alguém da secretaria para responder.

Convido para fazer uso da palavra o Sr. Francis Larry.

O SR. FRANCIS LARRY – Bom dia. Quero agradecer a presença de todos e já, de cara, explicar uma questão sobre esta audiência pública.

Quem veio aqui por convocação do FAS, que viu a gente no *site*, levante a mão, para eu saber quantos.

Normalmente nossas audiências têm outra dinâmica, mas esta audiência pública foi convocada também pela Câmara de Vereadores. A ideia era fazer essa audiência com o FAS, convidar os secretários, mas pedimos que a Comissão de Finanças abraçasse essa discussão e virou uma audiência pública formal da Câmara. Algumas regras não fogem às que estamos habituados, mas a ideia que fazer as mesmas discussões que tínhamos planejado inicialmente.

O Fórum da Assistência Social tem a expectativa de que nossas falas... Nós convidamos, Vereador, uma pessoa que vai fazer a contextualização dos CCAs em nome do Fórum da Assistência Social. Tinha uma apresentação de um CCA que já havia pedido e eu gostaria, se fosse possível, de garantir que os meninos viessem, porque eles vieram com a expectativa de fazer. Eles não estavam conseguindo chegar por causa da lotação, a Casa

estava lotada, mas eu gostaria de pedir que a entrada deles fosse liberada para eles fazerem a apresentação.

Vou passar a fala para a Marilda que, em nome do Fórum da Assistência Social, vai fazer a contextualização dos CCAs desde o início e a situação que vivemos hoje.

A audiência pública é um espaço que temos para debater de forma civilizada, mas, sim, cobrar e colocar nossas posições. Todos vão ter oportunidade de falar. Aproveitando a presença dos secretários, talvez eles consigam entender a importância que damos ao CCA e a importância que tem para esta cidade e por que das nossas preocupações.

Todos receberam visita da (ininteligível), nos inquietou bastante com as falas que nós ouvimos. Então, neste espaço, com educação, mas com bastante firmeza vamos colocar nossas posições. Espero, com a presença dos secretários, sairmos daqui com respostas de como está sendo conduzido esse processo.

É isso.

O SR. PRESIDENTE (Paulo Frange) – Marilda, você tem dez minutos.

A SRA. MARILDA DOS SANTOS LIMA – Bom dia. É muita alegria ver a Casa do Povo, onde estão nossos representantes delegados para defender os direitos e a cidadania. Agradeço à Comissão por este espaço, no momento em que estamos sofrendo, junto com crianças, adolescentes e famílias.

Eu sou Marilda dos Santos Lima, trabalho no Bom Parto há mais de 30 anos, fui a primeira presidente do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente e tenho muita alegria de dizer que fui uma criança do Centro Educacional Comunitário Itápolis, de São Mateus, que foi mobilizado pelo coração de Dom Luciano, que hoje exatamente faz memória de seu falecimento.

Nesta cidade, os Centros da Criança e do Adolescente têm uma trajetória muito longa. A contextualização é de décadas e eu gostaria de abordar três pontos, porque minha fala, Dr. Paulo Frange, vai ser dividida com algumas crianças; eu vou devolver a palavra e as crianças vão usar os outros cinco minutos.

O primeiro ponto, dos três que quero abordar, é que nesta cidade o primeiro olhar para a criança e o adolescente sempre foi feito pelas instituições, as organizações; e foi um primeiro olhar de compaixão para crianças e adolescentes que não tinham nenhum espaço institucionalizado. Quero voltar lá atrás e fazer memória aos primeiros oratórios dos salesianos, a Dom Bosco e tantas outras congregações e instituições religiosas que abriram espaço com compaixão para a situação da criança e do adolescente no Brasil.

Passados muitos anos, tivemos oportunidade, com o Estado Democrático, de fazer parcerias com o poder público e começamos a fazer o trabalho no antigo OZEM. Alguém aqui é do tempo do OZEM? Olhem quanta gente do tempo do OZEM. A Prof. Stela Graciani, da PUC São Paulo, foi uma das mentoras que ajudou a pensar o OZEM. Depois disso nós tivemos muitos nomes. Se eu falasse todos, gastaria muito tempo.

Nos últimos anos, a proteção especial, que foi um olhar trazido pelo SUAS, que demorou para a gente caminhar, houve um descompasso da proteção básica - que é a proteção essencial de garantia dos direitos da vida. Apesar o Estatuto da Criança e do Adolescente, que no ano que vem faz 30 anos, apesar da política de convivência da família, apesar do serviço de fortalecimento de vínculos ser uma política nacional, os investimentos começaram a ser precarizados.

Tivemos o primeiro choque num dos governos, se não me engano, que de 25 nós tivemos que ir para 30, e nós nos organizamos, porque estamos nos territórios e sabemos do nosso papel nesses territórios, no território da periferia, no território central, em que a única presença na vida dessas crianças, adolescentes e famílias é o nosso trabalho, e por isso nos adequamos e passamos, de repente, de 25 para 30.

Antes nós fazíamos um trabalho de seis horas, então nós já estávamos preocupados com o processo de educação integral; antes de a própria Educação falar em educação integral, nós tínhamos uma jornada de seis horas com essas crianças e adolescentes devido à proteção integral. De repente, fomos obrigados a nos adequar a quatro horas. Posteriormente fomos fazendo adequações que foram descaracterizando a identidade

do trabalho, e hoje fomos surpreendidos por uma nova adequação estrutural e estruturante, sem participação popular.

O que nós queremos é participar. O que nós queremos é garantir a história de um programa que uma finalidade fundamental na vida de crianças e adolescentes. Até trouxe, mas estamos sem tempo... Algumas pessoas poderiam vir à frente, rapidinho? Eu trouxe algumas perolzinhas, porque eu sou pedagoga, para dizer que essas pérolas tão pequeninhas são sinal da preciosidade do nosso trabalho, porque sabemos o número de crianças, adolescentes e jovens que tiveram a vida mudada pelo trabalho dos CCAs. (Palmas)

Pode passar as perolzinhas. Essas perolzinhas são o nosso compromisso de lutar por essas luzinhas dentro da Cidade. Vamos convocar esta cidade inteira para dizer que queremos avançar no trabalho de proteção. Somos favoráveis à educação integral, mas queremos qualidade, queremos dignidade, queremos participar dessa transição.

Tivemos uma transição muito difícil, que foi a das creches para a Educação, e ainda temos questões a avançar, mas fizemos isso. Então temos competência para construir junto com as autoridades, sejam da Câmara Municipal, do Poder Executivo, do Ministério Público; queremos fazer parte dessa transição. Não queremos receber notícias, notificação, como essas crianças que vão entrar, que peço para o Sr. Paulo Frange anunciar, de que não vão mais participar, simplesmente. É uma falta de respeito, é dolorido. (Palmas)

Eu fui adolescente, hoje sou mãe, avó, amo as crianças, e não temos condições de dizer: “Zezinho, a partir de 1º de outubro você não pode participar desse atendimento”. Que se faça isso de forma humana e digna, porque a gente ama o Zezinho.

Muito obrigada. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Paulo Frange) – Dando prosseguimento, convido as crianças e adolescentes do CCA Maria Cursi para vir até aqui. (Palmas)

- Manifestação fora do microfone.

A SRA. BRISA – Bom dia. Eu sou educadora do CCA Miralda. Meu nome é Brisa. Nós somos uma unidade do Centro Pastoral, do Centro Social Nossa Senhora do Bom Parto, e nossos adolescentes aqui da unidade Miralda fizeram uma apresentação e os adolescentes e crianças do CCA Maria Cursi também fizeram uma apresentação.

Muito obrigada.

- Apresentação musical.

NÃO IDENTIFICADO – Bom dia, gente. Eu queria apresentar uma poesia autoral, feita por mim mesmo.

Muito obrigado.

Começa assim: Racismo é racismo... Minha cor é negra e sou descendente de afro. Moro no Brasil, cidade de São Paulo, onde os pobres moram no asfalto, boca lisa, estômago vazio e, mesmo assim, com o sorriso no rosto e contentando com tão pouquinho. Enquanto eles querem poder, eu só quero que o meu povo possa poder viver. Sufoco, rolo, armas de fogo, mais uma mãe tem a dor de um filho morto, roubo inesperado, aço. Era para levar a bolsa, mas levou outra vida no caso. Dinheiro, poder, desigualdade, onde o rico, ele vale, o pobre é sempre acusado.

Como eu posso falar que a favela vive agora, se nós não conseguimos viver o amanhã? Pessoas sendo mortas, metrô e trem lotado, busão quase sem porta, cadê o ar condicionado? Em nome do Pai, em nome do Filho, e continua a oração. Em serviço, tenham paciência então, porque nós estamos em decadência e precisamos vencer a violência; e vocês podem até achar que eu falo demais, mas se vocês estão bem hoje é porque alguém lutou atrás. (Palmas)

O SR. LUCAS DIAS – Oi, bom dia. Eu sou o Lucas Dias e esse.

O SR. GUSTAVO MELO – E eu sou o Gustavo Melo.

O SR. LUCAS DIAS – Nós estamos aqui porque nós não queremos nenhuma vaga

a menos em nenhuma unidade. (Palmas)

O SR. GUSTAVO MELO – Tudo o que aprendemos no CCA pode até levar a vida. Acredita? (Palmas) Cada coisa que talvez não seja parecido, que não leve a vida, os senhores podem estar bem enganados.

O SR. LUCAS DIAS – Porque, no CCA, a gente aprende mais e nós não queremos nenhuma redução de vagas, porque o CCA é como uma casa para nós. (Palmas)

O SR. GUSTAVO MELO – Ele está dizendo que tem muitas ideias, mas ele está com medo.

Obrigado, gente, por ter me ajuda a ter falado, porque para mim, no CCA, aprendi mais do que própria escola. (Palmas) Obrigado, gente. E ainda por cima, com a CCA, tudo o que se aprende no CCA, cada coisinha, algumas pessoas acham que não é nada, mas acreditando assim, isso pode levar até a sua própria vida. Você pode ter um trabalho baseado no que você estudou. No nosso CCA, você pode ter um trabalho digno.

O SR. LUCAS DIAS – Porque, no nosso CCA, a gente fica dos seis anos de idade até os quinze anos de idade e depois dos quinze anos de idade, encaminham a gente para um curso e, nesse curso, a gente desenvolve um emprego. (Palmas)

O SR. GUSTAVO MELO – Como ele está falando sobre o curso, no curso, você escolhe o tipo de curso que você vai fazer, que vai levar você a um trabalho bom, um trabalho que o ajude na vida.

O SR. LUCAS DIAS – E uma das coisas importantes do CCA também é que a maioria das mães ficam trabalhando, sem onde o filho ficar. (Palmas) E o CCA foi criado para que o filho fique lá, que o filho se alimente, que ele se divirta

O SR. GUSTAVO MELO - Que ele aprenda até mais coisas. Lá a gente aprende vários tipos de arte, a gente aprende aulas de artesanato.

Como falaram, é melhor o CCA do que a rua. (Palmas)

O SR. LUCAS DIAS – E nós estamos lutando pelos nossos direitos, porque nós não queremos que nenhuma unidade feche. (Palmas)

O SR. GUSTAVO MELO - E eu irei entregar mais de cinco mil assinaturas.
(Palmas)

A SRA. YASMIN – Bom dia. Meu nome é Yasmim. Gostaria de falar que o CCA é o nosso lar, são os nossos direitos. (Palmas) É nosso direito, o nosso lar e ninguém vai tirar isso da gente, até porque lá ensinam bastante coisas e não é porque estão fechando bastantes lugares que vão tirar os nossos. Não vão tirar.

A SRA. LÍVIA – Meu nome é Lívia. Eu não quero que feche, porque é muito legal. Eles dão muita atividade nas oficinas e, a cada dia mais, aprendemos coisas novas. E eu não quero que feche, porque lá é a nossa casa. (Palmas)

A SRA. MARIANA – Bom dia. Meu nome é Mariana e eu vim falar que o CCA é muito importante para nós. O que aprendemos lá, vamos levar para o resto da vida. Ele não ensina as mesmas coisas que a nossa escola. E o que ele ensina, vai levar a gente lá na frente. (Palmas)

NÃO IDENTIFICADO – Eu agradeço crianças e adolescentes dos CCAs representando toda a cidade de São Paulo. São algumas unidades, mas estamos falando em nome de todos os mais de 400 CCAs. E, agora, por solicitação, vamos ter de nos retirar e vamos aguardar lá fora. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Paulo Frange) – Obrigado às crianças que vieram aqui. Agradeço a presença de todos. Por uma questão de segurança, não podem permanecer aqui dentro, em função do número de vagas que nós temos, e por uma questão de segurança e Bombeiros.

Antes de passar a palavra ao Secretário Bruno Caetano, o Vereador Isac Felix tem de descer para a CPI, que S.Exa. participa. Antes, S.Exa. quer deixar uma mensagem.

Tem a palavra o Sr. Vereador Isac Felix.

O SR. ISAC FELIX – Bom dia a todos.

Aqui, vocês estão ouvindo, apesar dos meus 52 anos completados ontem, um Vereador que participou e foi criado no Lar Batista de Crianças, que hoje existe no CCA. Um

Vereador que teve praticamente dez irmãos na periferia do Capão Redondo, e que acredita no trabalho de vocês, e que confia no trabalho que vocês vêm fazendo.

Eu, Berenice, me encontro em duas vertentes aqui. A primeira, que eu conheço bem o trabalho dos CCAs. E a segunda, eu sou embaixador da Cracolândia.

Vejam só, Dr. Paulo é Médico e sabe muito bem o que está acontecendo com a nossa Cracolândia. Se não trabalharmos agora, eu vou ter de ir lá na Cracolândia fazer o que estou fazendo quase todo o final de semana: retirando os jovens de lá e levando para as clínicas de recuperação.

Se não soubermos cuidar agora... Por isso, Bruno Caetano, nosso Secretário da Educação, Berenice, uma das coisas que me preocupa bastante, e eu também faço parte da Comissão do Idoso e da Assistência Social aqui nesta Casa, nós estamos enfrentando várias dificuldades com essa reestruturação. Eu tenho conversado com os Secretários e com o Prefeito, apesar de ser Base do Governo, mas em algumas coisas não podemos concordar. Em uma cidade como São Paulo, já temos o sexto Secretário de Assistência Social e Desenvolvimento. O quinto... Mas, se bobear, até o final do governo, acho que... Segura aí... Do jeito que estão indo as coisas...

Então, eu quero dizer para vocês o seguinte: precisamos pensar e pensar muito bem nessas mudanças, nessa transformação e nessas propostas que estão vindo por aí.

Então, quero me colocar à disposição de vocês. Eu só estou me retirando porque eu faço parte da CPI das Antenas e CPI dos Grandes Devedores da Cidade de São Paulo, em que estamos cobrando aqueles recursos, que vocês estão acompanhando pela Imprensa.

A cidade de São Paulo e a Câmara Municipal de São Paulo têm dado um exemplo na cobrança dos nossos impostos dos grandes devedores da cidade de São Paulo. São grandes empresas, grandes bancos que estão pagando as suas dívidas para que nós possamos investir em Educação, em Assistência Social e em Saúde.

Eu vou descer, mas eu creio que antes do término, eu estarei de volta.

Muito obrigado. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Paulo Frange) – Obrigado, Vereador Isac Felix.

Tem a palavra o Sr. Bruno Caetano, Secretário de Educação.

O SR. BRUNO CAETANO – Obrigado, Presidente.

Bom dia a todos.

É com muita satisfação que aceitei o convite da Câmara Municipal, do Fórum e de todos vocês para termos uma conversa muito amistosa e de muito respeito, antes de tudo, ao trabalho desenvolvido por todos vocês.

Antes de entrar no assunto, eu quero cumprimentar a Câmara Municipal, os Vereadores aqui presentes, o Presidente Paulo Frange, a Vereadora Soninha, Vereador Isac, e todos aqueles que passaram por aqui e dizer a vocês, Vereadores, que guardo um profundo carinho por esta Casa, porque lá pelos idos de 1997 tive a oportunidade de aqui trabalhar. Trabalhei nesta Casa por longos oito anos, ainda menino, conciliando o meu primeiro trabalho na área pública com os meus estudos, e assim sigo até hoje: trabalhando e estudando em prol da Administração Pública e de melhorar os nossos serviços. Então, volto à Câmara com muita emoção e revejo aqui muitos amigos.

Segunda questão, queria dizer a todos e a todas que há um profundo respeito da Prefeitura de São Paulo e, em especial, da Secretaria de Educação e, tenho certeza, da Secretaria de Assistência, pelos trabalhos desenvolvidos pelas entidades sociais. Não há, vocês podem apurar o que vou dizer agora, em nenhuma rede de Educação no País tamanha parceria que é desenvolvida hoje, como a parceria que a Prefeitura do Município de São Paulo tem com todas as entidades sociais, especialmente a Secretaria de Educação.

Digo sem medo de errar: a Secretaria Municipal de Educação é hoje a maior rede municipal de ensino do País, em termos de parceria com entidades sociais. E vejo aqui hoje muitos rostos conhecidos, de pessoas que já trabalham há muito tempo sendo parceiras da Educação na cidade de São Paulo. E, aí, vai uma convicção muito pessoal, daquilo que entendo por serviço público e de parcerias: serviços como àqueles que vocês prestam e aqueles que prestamos hoje na Educação, são públicos e precisam ser de muita qualidade.

Mas nem por isso precisam ser estatais. Essa é uma profunda convicção que temos hoje. São coisas diferentes, aquilo que é público daquilo que é estatal. Eu tenho certeza de que, quando o poder público se aproxima das entidades sociais, ele realiza um trabalho de muito melhor qualidade, e essa é a perspectiva desta administração.

Hoje, se falarmos de Educação na cidade de São Paulo – e vou repetir aqui: têm muitos parceiros nossos na Educação Municipal -, a rede parceira é, inclusive, maior, em termos de unidades, que a própria rede direta de Ensino na cidade de São Paulo, o que mostra a medida do respeito, do trabalho e da parceria que a Prefeitura do Município de São Paulo já desenvolve com as entidades sociais.

Então, feitas essas duas observações, eu queria trazer, em primeiro lugar, uma fala de tranquilidade a todos vocês que são parceiros, não da Secretaria da Educação nem da Assistência, mas que são parceiros da Prefeitura do Município de São Paulo, e mais que isso: são parceiros do futuro de nossa cidade, porque estamos falando de crianças e de adolescentes que são atendidos por vocês todos os dias. uma fala de tranquilidade: não há – vou repetir -, não há nenhuma motivação da Prefeitura do Município de São Paulo em fechar qualquer unidade. (Palmas)

Vou repetir, vou repetir: não há nenhuma motivação da Prefeitura do Município de São Paulo em fechar qualquer unidade e diminuir qualquer serviço prestado pela administração municipal...

- Manifestações fora do microfone.

O SR. BRUNO CAETANO – Calma pessoal, calma pessoal, calma.

Vejam, questões pontuais e ajustes de gestão vão ocorrer sempre. É obrigação da administração municipal, de quem lida com o recurso público, fazer uma avaliação constante dos serviços que são prestados. Isso não significa que esteja em curso uma estratégia de fechamento e término de serviços prestados pela Prefeitura do Município de São Paulo.

Essa é uma fala de tranquilidade que eu quero trazer para vocês. Não existe. Mas, mais ainda, ninguém tem a menor disposição em eliminar serviços que são prestados.

Pudemos ver aqui uma belíssima apresentação de nossas crianças e de nossos jovens. É para eles que nós trabalhamos todos os dias. E o Prefeito de São Paulo tem essa visão muito clara das prioridades da Prefeitura do Município de São Paulo. E, sem dúvida alguma, o atendimento à criança e ao adolescente é a principal delas. Não é à toa que se investiu tanto, nesses últimos anos, na universalização do ensino infantil, especialmente de 4 a 6. Não é à toa que se investe tanto na abertura de novas unidades, muitas com vocês, e, aí, eu aproveito aqui para fazer mais um apelo: para que vocês continuem sendo parceiros - aqueles que hoje já nos auxiliam na educação infantil -, para que possamos ampliar, ainda mais, a nossa rede de creches e de CEIs na cidade de São Paulo.

Mas quero dizer a vocês que não há nenhuma estratégia de fechamento de qualquer tipo de serviço. O que há - e aí, depois, a Berenice vai poder detalhar a todos vocês - é um trabalho de integração. E quando isso acontece, no serviço público, quem ganha é a sociedade. Neste caso, especialmente, as nossas crianças e nossos adolescentes.

- Manifestações fora do microfone.

O SR. BRUNO CAETANO – Se pudermos ter um trabalho em que a Educação da cidade de São Paulo possa ser parceira das atividades que vocês já desenvolvem, eu imagino que poderemos entregar, juntos, um trabalho ainda melhor – e ele já é muito bom.

Há uma disposição, inclusive, do governo do Estado de São Paulo, especialmente da Secretaria Estadual de Educação, para que essa parceria também se estenda à Secretaria Estadual, uma vez que, das mais de 70 mil crianças que hoje passam todos os dias pelos CCAs, quase 60% delas estuda nas escolas estaduais da cidade de São Paulo.

Então, há uma disposição do Secretário Estadual de Educação, assim como do Secretário Municipal de Educação, de estabelecermos uma boa parceria, para que tenhamos

ainda mais atividades para as nossas crianças e nossos jovens.

A mensagem que eu deixo aqui para vocês não é uma mensagem de redução, não é uma mensagem de escassez, não é uma mensagem em que vamos reduzir serviços e atendimento. Eu trago para vocês uma mensagem em que as duas maiores redes de Educação do País - a rede municipal e falo também da rede estadual, pelas conversas que já pude ter com o Secretário estadual -, de que queremos ser, sim, parceiros de vocês, assim como muitos já são aqui parceiros da Educação municipal, para que possamos não reduzir nenhum serviço, não reduzir nenhum atendimento, mas para que possamos, com a união de esforços, atender a muitas mais crianças.

Vejam, para finalizar, porque eu também gostaria de ouvi-los um pouquinho, hoje a cidade de São Paulo, a rede municipal de Educação tem, em seu Programa de São Paulo Integral, 18 mil alunos, 18 mil crianças. Vocês hoje, nos CCAs, já atendem a mais de 70 mil. Vejam a possibilidade que temos de fazer com que esse trabalho cresça, na cidade de São Paulo, se unirmos os trabalhos da Assistência Social e da Educação com vocês. Quem sabe consigamos duplicar, triplicar, quadruplicar o número de atendimentos para as nossas crianças em tempo integral. É disso que estamos falando, ao fim e ao cabo, para que as nossas crianças e os nossos jovens não fiquem nas ruas e possam ter, cada vez mais, um atendimento em nossos centros, em nossas escolas e, sobretudo, nos CCAs.

Eram essas as palavras iniciais que eu queria trazer e mais: levo, desta audiência pública, para que não me esqueça em nenhum minuto, em nenhum segundo, dessas criança que aqui estiveram, que representam as mais de 70 mil crianças, levo essa pérola, que vai ficar em minha mesa, para que possamos, juntos, construir uma solução; para que possamos atender ainda mais crianças; para que possamos fazer um trabalho ainda melhor.

Muito obrigado pela atenção de vocês. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Paulo Frange) – Muito obrigado, Secretário Bruno Caetano.

Passo a palavra, então, para a Sra. Berenice Maria Giannella, Secretária Municipal de Assistência Social.

A SRA. BERENICE MARIA GIANNELLA – Bom dia a todos.

Obrigada pelo convite.

Acho que têm algumas pessoas aqui que já me conhecem de outros trabalhos, mas para quem não me conhece, eu fui Presidente da Fundação Casa durante 12 anos. Cheguei lá, mais ou menos, como cheguei aqui na SMADS. Cheguei lá em terra arrasada. De janeiro a junho de 2005, tinha havido 35 rebeliões na Fundação e foi nesse contexto que o então Governador Geraldo Alckmin me convidou para ser Presidente da então FEBEM.

Um dos primeiros projetos que eu desenvolvi lá, com a minha equipe, foi exatamente o de gestão compartilhada de nossas unidades, porque uma das grandes críticas que se fazia à Fundação era o fato de haver tortura dos funcionários. Havia muita reclamação. A então FEBEM tinha um processo, na OEA, por tortura na Unidade Tatuapé. Na época, eram 18 unidades e 1.800 adolescentes.

E um dos primeiros trabalhos que nós desenvolvemos foi exatamente o de passar a gestão de algumas unidades para o terceiro setor. Na época, não existiam as OSCs ainda. Eram as ONGS. O pessoal da Pastoral, que tem um trabalho muito bonito aqui na cidade de São Paulo, foi o nosso parceiro em várias unidades – Sorocaba, Jundiaí, Franca, enfim. E qual foi a ideia lá? Foi exatamente a de trazer o terceiro setor para dentro da Fundação para trazer um olhar da sociedade civil. A Fundação era muito fechada em si. Os problemas eram escondidos, escamoteados e nós pudemos, com o apoio da sociedade civil, melhorar o atendimento.

Não foi à toa que nós passamos de 80 rebeliões, que nós tivemos em 2003, para uma rebelião em 2009. Foi exatamente com o apoio de todos. E tem algo que muitas pessoas não sabiam, mas que eu vou contar agora: tínhamos reuniões frequentes com essas entidades, e elas tinham um canal absolutamente aberto para nos contar as irregularidades que aconteciam no dia a dia da Fundação, desde aquele calor insano de São Paulo e o adolescente aparecer de manga comprida para a aula, em que tínhamos certeza ou desconfiança de que ele havia apanhado..., e isso tudo as ONGs nos passavam e nós

usávamos o trabalho das ONGs para melhorar o atendimento da Fundação.

Então, em primeiro lugar, quero deixar muito claro que, assim como o Bruno, eu também respeito muito o trabalho das entidades. Isso é fundamental e em São Paulo mais ainda porque na Fundação nós tínhamos 25 das 145 unidades com a sociedade civil e não foi fácil colocar lá porque os funcionários não queriam, era um projeto novo. Fui processada pelo Ministério Público, tive representação no Tribunal de Contas, mas nós seguimos adiante porque nós sabíamos que era uma boa solução.

Então, assim como o Bruno Caetano colocou, nós não temos absolutamente nada contra o trabalho das entidades e, mais do que isso, queremos que as entidades participem porque a gente acha importante esse olhar da sociedade, que não seja só um olhar do funcionalismo público.

Outra questão que eu queria também deixar clara é que quando o Prefeito Bruno Covas me convidou para ser Secretária da SMADS, fiz um único questionamento para ele que era com as dificuldades orçamentárias e financeiras que estavam postas qual era o meu limite de atuação. Ele disse esta frase, não sei se é exatamente com essas palavras, mas diz esta frase: “o limite é o fechamento de serviços”. Nós não vamos fechar serviços da SMADS. Essa foi a palavra que ele disse para mim, mas...

- Manifestação fora do microfone.

A SRA. BERENICE MARIA GIANNELLA - No dia 1 de junho ele me convidou para ir para a SMADS. Eu não me lembro... foi um dia de junho.

Aí o que aconteceu quando eu cheguei lá na SMADS? Tínhamos trabalhos feitos pelo Tribunal de Contas do Município, auditoria feita pela Controladoria do Município que mostrava e que mostra serviços que há serviços que estão com vagas ociosas. Isso está no papel e está nos relatórios que vocês nos encaminham mensalmente.

Então, o que nós começamos a fazer? Lembrando que estou na SMADS há um

mês e meio, 45 dias. Com este relatório da Secretaria da Fazenda, do Tribunal de Contas e da Controladoria, começamos a estudar a questão das vagas. Eu me lembro que quando eu ainda estava na Secretaria de Direitos Humanos, um dia conversando com Marcelo, adjunto da SMADS, que está aqui conosco, eu falei para ele: “Marcelo, precisa diminuir vagas do meio aberto porque caiu muito o número de cumprimento de medidas socioeducativas em São Paulo”, tanto no meio fechado - eu sou muito azarada, eu saí da Fundação tinham 10 mil adolescentes internos e hoje tem oito mil, quer dizer, é muito mais fácil de administrar com 8 mil adolescentes do que com 10 mil que eu tinha – e no meio aberto também havia uma diminuição do número de adolescentes.

Quando eu cheguei à SMADS dia 7 de julho havia já uma proposta de serem feitos alguns cortes em função de vagas ociosas. No dia conversei com o pessoal do Governo e falei: “eu não estou me sentindo segura de fazer esses cortes porque eu estou chegando hoje e pediria mais um mês para estudar um pouco melhor essa questão” e foi o que nós fizemos. Nesse mês eu conversei com várias pessoas lá dentro pegamos todas as estatísticas, pegamos todos os relatórios que as entidades encaminham e que são ratificados pelas supervisões regionais e constatamos uma série de serviços que estão com média de frequência abaixo daquilo que o Governo paga. Vários serviços começando pelas medidas socioeducativas em meio aberto que tinha vários serviços com vagas ociosas e passando por CCInter, passando pelos NAISPDs, passando por CCAs.

Então, qual foi o desenho que nós fizemos? Vocês sabem que as vagas - e aqui vou falar especificamente sobre CCAs - nos CCAs são de 30 em 30, para cada 30 crianças tem uma equipe. Então, o cálculo que é feito sempre dos editais é com base em uma equipe para atender 30 crianças. Aí fomos olhar a frequência diária de todas as entidades, das 483 entidades que prestam serviços no CCA. O que nós vimos? Vimos que tinha lá mais de 50 entidades que não tinham a frequência diária correspondente à capacidade, ou seja, ela recebia para atender 240 crianças e atendia diariamente 180. Até tem 240 crianças matriculadas, mas essas 240 crianças não frequentam o CCA diariamente.

O que está acontecendo? A Prefeitura – e isso foi indicado pelo Tribunal de Contas, pela Secretaria da Fazenda e pela Controladoria e, como disse o Bruno, somos gestores públicos e eu me orgulho de ter 32 anos de serviço público, há 20 anos como gestora e não tenho uma ação de improbidade administrativa, nunca levei uma caneta. A minha vida é absolutamente limpa para quem quiser olhar. Por quê? Porque eu sempre tratei seriamente da coisa pública. Então, é inadmissível que você pague para 240 crianças serem atendidas e tenha 190 frequentando o espaço.

Eu sei que tem a dificuldade que a mãe não leva, às vezes a mãe quer levar só terça e quinta porque é o dia que ela faz o trabalho dela e ela não quer levar todos os dias. Só que o Poder Público não pode pagar por vagas ociosas. Então, das 483 unidades, a gente verificou que havia mais de 50 que tinha problema de frequência e problema de frequência vindo de outubro do ano passado, que foi do histórico que nós olhamos. A partir desse histórico, dessas mais de 50 entidades que tinham problemas de frequência, nos separamos 39 cuja frequência estava bem ruim e deliberamos fazer uma diminuição de vagas. Por quê? Repito, porque essas vagas não estavam sendo utilizadas.

Não trouxe os números porque pedi que essas 39 entidades e os supervisores respectivos fossem chamados para uma reunião na sexta-feira para a gente explicar exatamente qual foi o corte que foi feito, mas as vagas que estão sendo tiradas são vagas que estão ociosas.

Eu me penitencio porque o comunicado que foi para vocês foi errado. Foi dito que haveria um corte um corte orçamentário. Foi um erro. A Soninha falou assim: “Como isso?” Então, a gente às vezes manda uma coisa e chega outra na ponta. Infelizmente, acontece. Então, o estudo que foi feito foi esse.

Algumas entidades já me procuraram, já me telefonaram. Ontem, nós estivemos lá em Ermelino com o Padre Ticão, estive com duas entidades que tiveram serviço diminuído e eu expliquei para elas o que tinha acontecido.

Qual é a saída que eu vejo? Se eu tenho capacidade para 240, eu tenho 240

crianças e adolescentes que não frequentam porque a frequência diária é mais baixa, o que eu tenho que fazer? Vamos aumentar as matrículas.

Todo mundo diz que tem fila de espera para CCA. Então, por que eu tenho fila de espera e eu pago 240 e eu atendo 200? Certo?

Então, a questão da diminuição de vagas foi exclusivamente por causa disso e foi com base, repito, nas DMS que vocês encaminham e que são ratificadas pelas supervisões. Pode ter havido algum excesso ou equívoco? Não sei, pode ser. A gente está aqui para conversar. Então, por isso que pedi uma reunião na sexta-feira com as 39 entidades que tiveram o valor reduzido e com os supervisores das regiões. Espero e peço encarecidamente que sexta-feira só apareçam essas entidades porque nós vamos fazer no auditório da Secretaria de Direitos Humanos que é um auditório que só cabem 50 pessoas e se for muita gente, as pessoas não vão poder entrar. Então, peço que sexta-feira só apareçam as entidades interessadas neste momento para que a gente possa, eventualmente, discutir alternativas a essa diminuição.

Teve uma entidade ontem no Padre Ticão que falou: “Pelo amor de Deus, me dá mais uma semana que eu vou colocar mais 50 crianças lá.” Eu falei: “bom, vamos conversar.” O corte que está sendo feito nos CCAs em termos financeiros é de 352 mil reais mensais. É uma gota no oceano perto dos 24 milhões que pagamos nos CCAs, mas é uma gota no oceano que pode levar a um processo de improbidade administrativa contra gestores que pagam por um serviço não feito e contra vocês que recebem por um serviço não realizado. É muito importante que a gente tenha isso muito claro. É uma questão de seriedade com a coisa pública.

A questão dos CCAs e da educação o Prefeito pediu para mim e para o Bruno é que a gente precisa ter cada vez mais crianças no ensino integral em São Paulo, que a gente precisa fortalecer as atividades do CCA com atividades educativas até para a gente aumentar essa frequência. Quando o aluno está na escola, ele é obrigado a ir à escola para se não a escola é obrigada a avisar o Conselho Tutelar. Quando a criança não vai ao CCA ninguém

avisa o Conselho Tutelar e a Prefeitura continua pagando por aquela criança que não vai ao CCA.

A discussão que nós estamos fazendo entre os técnicos da SMADS e da educação é de como fazer essa integração. Se a gente vai migrar alguns alunos com ensino integral, se a educação vai colocar lá. A gente sabe que tem particularidades nos serviços que a educação não vai suprir que é a particularidade daquelas crianças e adolescentes que estão lá porque tem uma necessidade de fortalecimento de vínculos. Isso tudo está sendo discutido entre as equipes, a gente não apresentou para vocês ainda porque nem nós temos clareza desse processo porque a gente está estudando.

- Manifestação fora do microfone.

A SRA. BERENICE MARIA GIANNELLA - Então, o que nós estamos discutindo é tecnicamente como vai ser essa proposta. A hora que as duas equipes técnicas tiverem clareza e foi por isso inclusive que as DREs foram aos CCAs para conhecer os espaços, aí nós vamos desenhar um princípio de proposta e vamos chamar vocês para discutir, para conversar como isso vai ser feito. A gente não conversou ainda porque nem a gente tem uma clareza de exatamente o que fazer, como fazer. Estamos fazendo uma leitura das crianças...

NÃO IDENTIFICADO - Nem terminaram ainda as visitas, terminam amanhã.

A SRA. BERENICE MARIA GIANNELLA – Nem terminaram as visitas. Temos em crianças que não são do Município de São Paulo, que são matriculadas em escolas próximas a São Paulo e nós temos um rol de crianças que não estão - pelas listas - matriculadas em lugar nenhum.

NÃO IDENTIFICADO - 12 mil crianças.

A SRA. BERENICE MARIA GIANNELLA – 12 mil crianças sem matrícula que estão frequentando CCA. A gente não sabe. Não vou ser leviana, a gente não sabe se tem algum erro de cadastro, vamos olhar, mas o fato é que tem crianças que estão matriculadas

nos CCAs e não estão nas escolas. Isso é inadmissível.

Então, isso tudo precisa ser visto, precisa ser estudado e eu conto com vocês porque eu sei da seriedade de vocês para lidar com isso. Não há, repito, nenhuma orientação para diminuir vaga. Alguns CCAs até fecharam agora, mas foi por conta de problemas de prestação de conta, problemas com entidades que acontece normalmente, vocês estão no meio, vocês sabem muito bem disso.

Ratificando o que o Bruno disse: vamos ter tranquilidade, vamos conversar, ninguém aqui vai fazer loucura. Eu já passei da idade de fazer loucuras. Eu já estou com mais de 50 anos.

- Manifestação fora do microfone.

A SRA. BERENICE MARIA GIANNELLA – Eu cancelei a nota de empenho porque há uma possibilidade de virem recursos da Educação.

- Manifestação fora do microfone.

A SRA. BERENICE MARIA GIANNELLA – Não tem cancelamento de pagamento.

- Manifestação fora do microfone.

A SRA. BERENICE MARIA GIANNELLA – Absoluta.

- Manifestação fora do microfone.

A SRA. BERENICE MARIA GIANNELLA – Eu fiz a minha explicação. De fato, houve o cancelamento de empenho porque houve um pedido da JOF, que é a Junta de

Orçamento e Finanças, para cancelar os empenhos para a gente tentar fazer isso, inclusive porque a Secretaria Estadual de Educação se comprometeu a começar a passar recursos agora em setembro. Foi por esse motivo. Não há, repito, você pode fazer a interpretação que você quiser, mas fica aqui a minha palavra e a palavra do secretário Bruno: não há nenhuma...

- Manifestação fora do microfone.

A SRA. BERENICE MARIA GIANNELLA – Eu escrevi mesmo. Eu escrevi e cancelei os empenhos. Eu não estou dizendo que eu não fiz isso. Eu cancelei os empenhos, mas isso não significa que eu que os serviços vão ser fechados.

O SR. PRESIDENTE (Paulo Frange) – Gente, as perguntas vão ficar por um momento apropriado.

A SRA. BERENICE MARIA GIANNELLA – Vai ter dinheiro para pagar o CCAs.

- Manifestação fora do microfone. (Na senhora eu confio; quem está acima da senhora, não. Então, vou garantir a sua palavra, gravando. O seu trabalho eu respeito).

A SRA. BERENICE MARIA GIANNELLA – Pode gravar.

A Marilda começou falando aqui da importância do CCAs. Mais do que ninguém - porque eu fiquei à frente da Fundação - sei a importância da proteção básica, 96% dos meninos que entravam na Fundação tinham defasagem idade-série escolar e muitos deles já tinham abandonado a escola há muito tempo.

Então, eu tenho maior respeito e a maior preocupação com o trabalho preventivo que é muito importante - do acolhimento de crianças, seja crianças que não tenham problemas de vínculos com família sejam de outras crianças. Como alguém disse, é melhor ficar no CCA, na escola, do que ficar na rua. Eu concordo inteiramente com isso.

Então fiquem tranquilos. Sexta-feira as entidades que tiveram cortes estaremos lá para conversar e após a gente conseguir encaminhar a proposta, nós vamos discutir o assunto dessa integração entre SMADS e Secretaria de Educação.

Muito obrigada. (Palmas).

O SR. PRESIDENTE (Paulo Frange) – Obrigado, Secretária Berenice. Vamos passar agora ouvir aqueles estão inscritos. A primeira é Simone Bicudo, representante do Sinbifir.

A SRA. SIMONE BICUDO - Bom dia a todos. Cumprimento a Mesa na pessoa do Vereador Paulo Frange.

Estou muito feliz e agradeço a presença de todos vocês na Casa não só neste plenário, mas no primeiro andar e na externa. Isso mostra a preocupação da nossa Cidade, das pessoas que trabalham com crianças representadas aqui.

Inicialmente, venho falar do problema que a gente tem tido em relação ao governo desde o começo do Governo Doria. E o que acontece é que apesar da fala de tranquilidade dos dois secretários, a gente vem ouvindo desde o início do Governo Doria e depois com o Governo Bruno que não haveria corte de serviço e não é o que a gente está vendo no dia a dia, independente de motivos de um ou outro, eu acho que não existiam tantos serviços assim que estivessem em condições desagradáveis ou erradas. Tivemos problemas com o CCJ, tivemos problema com SASFs e outros problemas. Agora, estamos chegando aos CCAs.

O nosso medo, Secretária, é justamente que essas crianças não sejam atendidas. Sabemos que existem sim CCAs que estão com cadastro, por exemplo, como a senhora falou de 240 atendendo 200, 180, só que nós também sabemos que existe um problema nas DMs. Não temos como cadastrar crianças além do está programado pelo Termo.

Temos um problema de falta, o que é normal não só nos nossos CCAs, mas em toda a escola. Nenhuma escola tem 100% de frequência todos os dias. Então, eu acho que o Governo deveria trabalhar com a demanda ou modificar essa DM. Se nós temos um problema de cadastro de 240 crianças e uma frequência de 180, vamos verificar a demanda por que com certeza esse cadastro vai precisar ser modificado para atender essa demanda.

Eu estive sexta-feira passada na zona Sul, no Jardim Mitsutani, visitando um CCA, porque eu vinha para cá hoje e acompanho o trabalho daquele CCA e de alguns ali da zona

Sul, onde é feito um trabalho maravilhoso para as crianças.

O problema é que eles têm uma demanda muito grande, mas eles não podem colocar para suprir aquelas criança que faltam. E acho que tem que haver um ajuste. Por isso, fica um pedido aqui do Sinbfir que, nessa reunião do dia 29, seja verificada essa demanda e veja como ajustar, em vez de reduzir vagas; porque se tem criança no CCA em fila de espera, para que reduzir vaga? Se está faltando atendimento, vamos trabalhar com a demanda. É um primeiro pedido que a gente faz.

Obrigada.

O SR. PRESIDENTE (Paulo Frange) – Tem a palavra a Sra. Maria Aparecida Neri.

Convido o Sr. Marcos Saraiva, da Secretaria de Educação, para que tome lugar à Mesa.

A SRA. MARIA APARECIDA NERI – Bom dia a todos. Quero cumprimentar a Mesa e quero falar do salário dos trabalhadores. Nós recebemos uma contraproposta de 0%, mas o Sindicato não pode aceitar uma contraproposta de 0% pelo direito que o trabalhador tem de, minimamente, receber 1o repasse da inflação do.

Em relação ao CCAs, o Sindicato também tem uma preocupação, por mais que foi tranquilizado aqui, da questão de perda de posto de serviço. A gente também tem algumas lembranças que não são muito agradáveis: quando o Centro de Educação Infantil passou para a Secretaria de Educação, nós tivemos uma problemática com os trabalhadores que, com o salário muito baixo, tiveram que bancar do próprio bolso a formação. Então hoje a questão do CCA também se preocupa com isso.

Na época, na rede direta, a formação foi dada gratuita aos trabalhadores; e, no nosso caso, os trabalhadores tinham um salário muito menor e teve que bancar. Na Secretaria de Assistência, a questão dos CCAs, existe um trabalho multidisciplinar, com cultura, esporte, lazer; e a formação desses profissionais é nesse sentido. Tem como profissional psicólogo, pedagogo, assistente social.

Na época do Centro de Educação Infantil, não existiam os CEUS, que hoje dão formação gratuita, que talvez facilite. Eu gostaria de saber como será essa transição e qual

garantia esses trabalhadores que têm um salário, uma defasagem, que não têm uma isonomia em relação à rede direta, como que esses trabalhadores da rede parceira vão conseguir fazer formação, ou se terão que bancar? Como que a gente pode estudar isso?

O Sindicato já protocolou com a Secretaria de Educação o pedido de reunião. E Quero reforçar esse pedido com a sua presença aqui, Secretário, no sentido de que a gente possa se reunir para discutir essas situações, para que não seja tão impactante para o trabalhador; porque quando é impactante para o trabalhador, automaticamente é impactante para a criança e para o adolescente.

O principal foco do trabalho com essas crianças e adolescentes é a relação, o vínculo com a família e o vínculo com a sociedade. Isso é o mais importante.

Obrigada.

O SR. PRESIDENTE (Paulo Frange) – Tem a palavra a Sra. Marcelina Paim. Gente, só para esclarecer, o Sr. Marcos Saraiva é da Secretaria, diretamente ligado ao Secretário e está anotando. Aqui também está o Sr. André Montoro, que está também levando todas as dúvidas para a Casa Civil e o Secretário João Jorge.

Além disso, esta reunião, embora tenha partido por iniciativa de vocês, do FAZ, ela é da Comissão de Finanças, tem taquigrafia, tem regras que nós vamos seguir; e quanto àquilo que ficar sem respostas, nós faremos um requerimento de perguntas e encaminharemos. Então, ao final, a gente transforma as perguntas por escrito e teremos pela Comissão de Finanças as respostas também de imediato, partindo oficialmente das secretarias pertinentes.

A SRA. MARCELINA PAIM – Bom dia a todos e todas. Sou gerente de serviços de CCA, da zona Leste de São Paulo, e vim aqui hoje solicitar uma reflexão: que considerem esse tipo de trabalho. O nosso trabalho tem um diferencial, ele trabalha a criança e o adolescente, e não somente isso, ele trabalha com o sujeito de direito, que tem nome, sobrenome, família e uma história.

Nós, por vezes, nos identificamos como CEC - Centro de Educação Comunitária - porque nós realizamos a educação social, a pedagogia social, que é transformadora; porque

cada um que é atendido nesse espaço traz consigo a sua complexidade de ser. Não olhamos para ele como um número, como um dado, olhamos para ele como ser humano, porque somos humanos e não podemos perder isso para o capital. Se a gente perder isso, a gente deixará de ser humano.

Os CCAs investem nesse saberes e desenvolvem uma expertise que só os CCAs têm. Eu acredito na educação, eu milito por isso, porque a educação é transformadora. Então eu solicito aos senhores do Poder Público, que decidem nossas vidas neste momento, que não venham somente de cima para baixo, com uma caneta, determinando com uma publicação no *Diário Oficial*.

Cadê a parceria? Somos parceiros, estamos no mesmo barco, estamos no mesmo barco. Essas crianças são futuro, esses adolescentes são futuro. Que adolescentes serão? Qual será o prejuízo desta ausência de atendimento, que será para todas as crianças adolescentes? Porque todos são vulneráveis.

Quem dera que a gente pudesse atender todas as crianças e adolescentes. A gente pode oferecer para elas uma alimentação de qualidade, e isso é dignidade humana. Quando ele vem para uma roda de conversa e ele traz o que aconteceu no final de semana, ele conta que dormiu com fome, porque ele não pôde comer o macarrão, porque teve que deixar para o pai dele ou para a mãe dele colocar na marmitta do dia seguinte; ou quando a gente traz uma fruta diferente e ele não sabe qual é o sabor e o que ela é, a gente não se apega somente nisso, porque o serviço dos CCAs vai para além disso, ele desenvolve as potencialidades e as inteligências de cada um que é atendido lá.

No mundo que hoje estamos, isso é extremamente importante. Se é fato irmos para a Educação, tudo bem. Mas eu solicito, senhores aqui presentes e até mesmo ao Prefeito de São Paulo, que possam não somente decidir sem uma conversa.

Se for uma questão orçamentária, que não se perca a essência desse trabalho, que não se perca a essência dessa política, que é uma política nacional; porque nós executamos, porque somos um serviço de convivência e fortalecimento de vínculos. Sem vínculos, nós não

vivemos, pois estamos vinculados numa teia, querendo ou não, estamos vinculados. E esse fortalecimento de vínculo faz com que o igual viva com o igual, que o diferente viva com o diferente, e a gente mistura todos eles lá no mesmo espaço.

Portanto, essa essência não pode se perder. O meu pedido é que isso se garanta, por que isso tudo que está acontecendo hoje é perverso, é uma perversidade não ter informação, é uma perversidade você ir até o CRAS e não ter informação, você ir até a Educação e não tem informação; ninguém tem informação. Então o meu pedido aqui hoje é que não é um corte de 30 atendimentos de crianças e de adolescentes, porque eles representam 90 que deixam de ser atendidos, porque é o menino, a sua família, a sua história, é tudo o que ele traz. Onde se cortou 90, se cortou 300, 400, é para muito além.

Esse é o meu pedido aqui hoje, senhores. Que a essência desse trabalho de tantos anos, que foi desenvolvido, que não se perca e que a gente possa ser parceiro, que a gente possa sentar junto e dialogar. Nós estamos dispostos.

Nós não somos números, nós não somos capital, nós somos seres humanos; e a gente trabalha pela dignidade humana.

Obrigada.

O SR. PRESIDENTE (Paulo Frange) – Tem a palavra a Sra. Maria Gusmão, do Fórum de Assistência Social.

A SRA. MARIA GUSMÃO – Primeiro, quero cumprimentar a Mesa e este plenário, e agradecer a todas as pessoas que atenderam ao pedido desta Comissão, desta audiência, e também do Fórum, num momento tão preocupante que a gente está vivendo, de insegurança.

Enquanto representante dos trabalhadores, quero dizer que está gerando uma insegurança nos trabalhadores, porque foi falado aqui pela Secretária, que eu conheço muito bem, a Sra. Berenice, com quem trabalhei quando estava no Sindicato e ela na Fundação Casa, a gente chegou junto, e eu sei o quanto o trabalho dela foi sério e humanizado. Embora eu estivesse de um lado, representando os trabalhadores da Fundação, e ela na Fundação, a gente sabe o pão que o diabo amassou, porque nós trabalhamos para fazer a diferença

naquela Fundação.

A nossa preocupação é essa. Como ficará a situação dos trabalhadores? Até então, se ouvia que o CCA não era extensão de escola. O CCA era outro ambiente de trabalho, onde se trabalhava além do reforço, com outras atividades complementares, mas não podia trabalhar a escola, extensão de escola. Hoje a gente está vendo aqui o inverso, se vai ser Educação. Então pergunto se há legalidade dentro de toda a normativa do SUS, se pode um município passar uma questão de assistência social direto para educação.

Outra questão, o fomento de parceria que foi discutido aqui é feito em conjunto, e isso tem que ser discutido com as organizações sociais. Como se vai dar isso, mesmo que seja a longo prazo? Como será feito isso? Não fazer de uma forma unilateral.

Os trabalhadores dos CCAs tem a preocupação: nós vamos precisar ter formação de Pedagogia, como existe na educação? Quantos funcionários nós vamos ter? Como vai ser a exigência? Isso tem gerado insegurança aos trabalhadores, então a gente precisa deixar isso claro. Embora o secretário de educação não esteja aqui para ouvir o que a gente tem a dizer, isso tem que ficar claro para nós, enquanto representante dos trabalhadores.

Que modelo é esse? Será só o repasse da verba? Se nós vamos continuar ou a Educação que vai fazer a visita técnica? Como será a exigência quanto a isso? Isso está gerando insegurança aos trabalhadores. Tem DRE que não sabe o que está acontecendo. Foi lá um supervisor da DRE, mas de Educação.

Eu fui a primeira pedagoga, diretora, a trabalhar num OSEN, e quando eu perdi o primeiro, o segundo e o terceiro jovem adolescente, eu trabalhava num galpão e ela numa igreja, na comunidade, eu fiquei muito mal. Então precisou eu ir para dentro da boca do tráfico para negociar, para não aliciar os nossos meninos para não ir para a Fundação Casa. E eu não quero voltar a fazer isso de novo. Aqui, estou fazendo enquanto representação dos direitos humanos, da cidadania, da criança e do adolescente.

Quando a Sra. Berenice falou aqui que ela conseguiu reduzir de 10 mil para oito, nós não queremos chegar 20 agora com a fechada do CCA, Sra. Berenice. Nós não queremos.

O que queremos é continuar fazendo o nosso trabalho lá na ponta, com nossas crianças e com os nossos jovens. E faço um apelo, porque te conheço: Converse com o Prefeito que está aí, embora não tenha dialogado muito com as entidades; e com o Secretário.

Muito obrigada.

O SR. PRESIDENTE (Paulo Frange) – Tem a palavra o Sr. Cristian.

O SR. CRISTIAN – Vou quebrar gentilmente o protocolo desta Casa para cumprimentar primeiramente as crianças e adolescentes presentes nesta Casa Legislativa, e agora cumprimento a Mesa.

Sou Diretor de Imprensa do Sinesp e Diretor do Centro de Educação Infantil, na zona Sul, Campo Limpo.

Vereador Paulo Frange; Secretário da Assistência; representante da Secretaria Municipal de Educação, à qual pertenço, nós do Sinesp estamos acompanhando, estamos avaliando algumas situações complicadas. Fala-se da integração entre Estado e município, se fala da educação integral, estado e município. Esta semana, as DREs estão solicitando a todas as escolas a previsão de turmas para 2020; só que ainda está aberto o período das escolas aderirem, ou não, ao São Paulo Integral.

Comunicado nº 621 deste ano e a Normativa 21 ainda estão no prazo. Então como você vai saber quais são as unidades que terão realmente interesse em entrar no São Paulo Integral e, com isso, fazer uma previsão de demanda, se a previsão tem que ser entregue ainda esta semana? Então tem algum descompasso dentro da própria Secretaria de Educação.

Outra questão: foi passado à Supervisão Escolar estar em espaços do CCAs sem um preparo, sem uma informação técnica do que realmente estariam fazendo nesses espaços. Isso gerou constrangimento aos superiores escolares de São Paulo. A Supervisão tem um trabalho muito pautado, a ação supervisora é um dos ambientes ligados às escolas, às unidades diretas e à rede parceira conveniada. Da forma como foi colocado, gera sim constrangimento, e gerou constrangimento à Supervisão Escolar.

E quando se fala de integração São Paulo Capital e Estado na educação integral,

há muitas divergências. Um ponto que eu gostaria de ressaltar na última normativa da Prefeitura foi que se colocou que os CEUs devem aderir compulsoriamente à educação integral. Isso fere a própria educação integral e a gestão democrática, porque os conselhos de escola serão obrigados a aderir a algo sem haver conversa antes.

Então isso está vindo de cima para baixo, e o Estado tem um modelo de educação integral totalmente diferente do nosso. A escola integral do Estado não tem professor lotado na escola. São projetos. Eles têm lotação em outro local de exercício. É totalmente diferente o modelo do Estado para o da Prefeitura. E eu falo isso tranquilamente, porque eu também fui professor da rede estadual. Então, eu sei muito bem o ambiente que está sendo colocado aqui.

Por fim, só gostaria de completar, apesar do temp. A questão tem de ser, realmente, dialogada e não dessa forma, como está sendo feita. Anteriormente, já houve uma integração entre a Secretaria Municipal de Assistência Social e Secretaria Municipal de Educação, no tempo das creches para as atuais CEIs. Enquanto diretor de CEI eu sei muito bem disso, e vivencio isso na rede.

Outro ponto que tem de ser falado é o seguinte: essas minutas, que foram solicitadas, têm de vir para nós, dos sindicatos, para que haja uma conversa. Da forma como a conversa está vindo, e ainda sem minuta, sem *Diário Oficial*, a conversa, da forma como está sendo colocada, está muito atravessada. Isso traz prejuízo não somente aos profissionais da Educação, mas principalmente à comunidade. Não é à toa que a comunidade está lotando este espaço interno e o externo. Não é pouca coisa. É muita gente envolvida. Então, é necessário um diálogo maior antes de começar a falar se virá verba de uma Secretaria para a outra. Na forma como está sendo colocado, realmente o diálogo está sendo prejudicado. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Paulo Frange) – Obrigado.

Tem a palavra a Sra. Roseli.

A SRA. ROSELI - Bom dia a todos.

Alguns aqui já me conhecem.

Eu quero falar como filha de pai índio, de avós índios, como filha originária dessa

terra, como uma mulher em situação de rua, que criou os filhos com muita dificuldade e crio, e sei da importância do CCA na vida de minhas quatro filhas.

Eu quero falar para vocês, Berenice e aos que estão na mesa: vocês devem ter filhos em escola particular, e nós temos o CCA. E o CCA, para uma mãe carente, é muito importante e vocês sabem por quê? Porque, além da grade que o CCA tem, é muito satisfatório ver a minha filha chegar e me falar: “Mãe, hoje eu comi salmão”. Sabe há quantos anos eu não como salmão? Eu não vim chorar, reclamar pitanga. Mas é uma satisfação, uma alegria tão grande saber que, além de aprender e ganhar prêmio, a criança ainda tem uma boa comida: “Mãe, a comida é muito boa”. (Palmas)

O dia que elas não podem ir ao CCA, porque têm um médico ou alguma outra coisa, eu fico triste, porque a merenda escolar, que elas vão ganhar depois na escola, elas não vão comer, porque é péssima. (Palmas)

Porque é péssima. (Palmas)

Agora querem fazer a escola integral. Eu quero saber se a escola integral vai ter a mesma grade do CCA. Uma vez, estávamos em uma reunião do FAZ, e teve uma professora que falou que em duas horas do dia, em escola em período integral, as crianças ficavam brigando no pátio, porque não tinha grade. Não tinha grade. Agora eu quero saber se a criança que está na escola, em que a Prefeitura já mandou para a Secretaria da Educação resolver, se a criança carente... As minhas filhas, há pouco tempo, tiveram um passeio para o Parque Aquático. Eu quero saber se vai ter Parque Aquático para as crianças, se vai ter Hotel Fazenda para as crianças.

- Manifestações fora do microfone.

A SRA. ROSELI – Porque, nas escolas em que elas estudam, nunca mais teve um passeio. As minhas filhas, se dependessem de mim, que sou carente,... eu não tenho mais condições de dar. Agora, os filhos de vocês eu garanto que vão para a Disney, para tudo

quando é canto que quiserem...

- Manifestações fora do microfone.

A SRA. ROSELI – Isso eu garanto. É fácil dar canetada quando não se trata do filho de vocês.

Vocês têm de se lembrar de que ano que vem tenha eleição. Qual é a cara que vocês vão levar para a eleição do ano que vem? Qual é a cara que vocês vão querer ter o ano que vem? Entendeu? Nós vamos lembrar, porque o calo dói em quem está com a dor. Vocês têm que lembrar: o que está dando certo não pode mexer. Que seja a gestão que teve lá atrás que fez o CCA, não importa se é A, se é B, não mexa no que está dando certo, porque, se mexer, acabou para vocês! Acabou para quem está na gestão atual. (Palmas) Eu não sou partidária, eu não quero saber, dane-se partido, mas não gosto que mexa no que está certo. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Paulo Frange) – Vamos ouvir a dona Atalvina Zanela, a voz da Brasilândia.

A SRA. ATALVINA ZANELA – A minha primeira sugestão para qualquer ambiente de ensino é que haja no Brasil um verdadeiro curso de retórica. Eu estou aqui na frente, eu estou atenta, é verdade que as orelhas não são tão boas, mas não se consegue acompanhar o assunto da maioria dos que pegam o microfone. Acho que um curso para professores e alunos um curso frequente de retórica. O pessoal da mesa falara claramente.

Gente, vamos melhorar essa situação.

Eu gostaria de comparar o CCA de hoje, o que nos é permitido desenvolve hoje, de atividade, e como ele era quando começamos.

Nós trabalhamos na Brasilândia, Vila Teresinha. O local era paupérrimo. Quando começamos o trabalho lá, conseguimos, primeiro, creche ou CEI, e, depois, o zen (?). Quando o nosso zen (?) começou a funcionar, nós tínhamos marcenaria para os maiores. E eles faziam

muitos trabalhos com madeira. A meninada aprendia a pregar um prego, etc. Eles aprendiam um pouquinho de elétrica, para ajudar a família a descobrir os problemas. E, além disso, tínhamos costura industrial. Criançada tocava máquina de overloque, de reta, de galonera, o que fosse, e eles faziam roupas para si mesmos ou para a família, porque nós ganhávamos os retalhos de uma fábrica, principalmente retalhos de moletom. Além disso, na parte artística, havia trabalhos com toalhas, etc., de bordados, de pintura, eram realmente bonitos, bem trabalhados. Hoje em dia, tudo que a gente pretende fazer para desenvolver atividade dessas crianças não pode. Há poucos dias, um fiscal que passa pelo equipamento, entrou numa sala em que a turma estava lendo livrinhos de histórias. Não pode. Não pode dar trabalho escolar para a criança. O que é para dar para o brasileiro? Comida? Só ainda no CCA que, em geral, se consegue dar uma alimentação melhor. Mas o que vai ser desse país? E por que não ajudar a desenvolver a parte intelectual da criança? Porque se ele aprender de manhã e de tarde, não quebra a cabeça, não; dá para aprender. Eu contrato que o país está indo muito para trás em conhecimento. Parei. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Paulo Frange) – Obrigado, dona Atalvina. Parabéns pela lucidez.

Tem a palavra o Sr. Evaldo Rocha.

E eu vou pedir para quem está nos outros auditórios, que são três – Miriam Reis, Janaína Martins Francisco e Jonatan Tomas –, para que possam vir ao 8º andar, porque tem lugar, e serão oradores daqui a pouco.

O SR. EVALDO ROCHA – Bom dia.

Primeiramente, peço perdão a Deus, aos educadores, aos ajudantes e aos voluntários, bem como a todos as crianças das quais eu sou pai. Eu falo como pai, dos meus filhos e dos filhos de vocês todos.

Eu estou indignado e me sinto humilhado por estar aqui para reivindicar um direito do meu filho de poder estudar, aprender a ser gente, com respeito e responsabilidade.

Eu vou pedir, Dr. Paulo Frange. Negócio de sinal, eu não tenho mais para

faculdade. E, se tiver, eu posso até ir na faculdade receber esse sino. Eu estou aqui dentro e eu tenho que falar, e não é por três minutos. Perdoem-me. (Palmas)

Eu cheguei cedo aqui, respeitei todo mundo. Fui um dos primeiros, junto com o meu amigo ali. E quando eu percebi, olhei assim, respeito todos os Vereadores, em geral, e o Dr. Paulo Frange, cujo trabalho eu já trabalho. Vocês estavam aqui tirando foto e dando risada. Perdoem-me, mas todos nós estávamos chorando por dentro, porque se trata do futuro dos nossos filhos. Nós estamos chorando por dentro. É uma coisa que nos machuca. Foi um desrespeito até com o horário. Foi marcado às 9h, pô, chegar às 10 e pouco? (Palmas)

Para mim, como pai, responsável, tenho os meus defeitos? Tenho. Todo mundo tem. Agora, quando você entrega o seu filho, não digo a uma escola, mas a um lugar que seria o segundo lar das crianças, esses educadores que eu conheço do meu CCA, eu percebo... Nós tivemos uma reunião há um mês... Não pelas crianças, que elas já estão lá na escola, aprendendo. O meu filho falar pai em inglês – “my father”, “my mother”. Não é que eu seja ignorante e burro, mas é uma emoção ouvir o meu filho falar isso. Ele aprendeu onde? No CCA. Aprende tanta coisa boa. Eles acolhem com tanto amor e carinho. Às vezes, crianças que estão lá fora e não têm aquele relacionamento com os pais, que a maioria trabalha. Era para estar lotado aqui, hoje, já que são quase 10 mil crianças em todos os CCAs. Então, pelo amor de Deus, que respeito é esse que estamos tendo aqui?

Sabe por que vocês estão aqui hoje? Todo mundo está aqui, hoje, e aqueles que não puderam vir, sabe por quê? Porque meses atrás, vazaram informações de que já estava acontecendo isso no CCA, que ia fechar. Por que fechou 39 lá, rapidinho, não deu nem tempo de o pessoal respirar e dar uma satisfação? Desculpa.

Secretário Bruno veio e falou: “disposição, execução”. Disposição? Qual a diferença? A disposição do governo, que vai vir aqui, vai falar bonito, falar, falar. Só fala. E a gente ouve, ouve, ouve! Para com isso, pô! Pô, ninguém aqui sofre das faculdades mentais, ninguém é louco! Pô, só fala, e nós só pagamos impostos! Impostos, impostos! Desculpem, me perdoem. Os senhoras e as senhoras estão aqui para nós representar. Nós votamos em vocês

com aquela emoção: “Não, ele vai ajudar a gente”. Pô, mas não estão ajudando, meu Deus; estão prejudicando, acabando com a nossa saúde. Pô, eu tenho problema de diabetes, eu só diabético. A minha diabetes é nervosa. Eu estou aqui falando, vai estar 400 e poucos. Se me der um troço aqui, me ajuda. Mas eu tenho que falar.

- O Sr. Presidente faz soar a campainha.

O SR. EVALDO ROCHA – Ah, por favor, Dr. Paulo, não aperte esse negócio, não aguento isso.

Então, poxa, vida, quando se coloca uma responsabilidade na mãos dos educadores, para eles cuidarem dos nossos filhos com tanto amor, carinho, um alimento que às vezes eu não tenho condições de dar em casa. Poxa vida, eu sou pobre também. Vou fazer o quê? Quando eu falei que vocês estavam aqui, vocês sabem por que vocês estão aqui hoje, é porque foi manipulado lá atrás, já estouraram os 39. Tem que lutar, minha gente. Às vezes, a gente vai ter que fazer mais abaixo-assinado, pedir pelo amor de Deus para os senhores, mas de coração mesmo, de pai, como se fosse o filho de vocês! Estudem com carinho. Eu sei que vocês têm uma condição melhor, e não é jogando na cara, mas é porque nós demos as condições para vocês. (Palmas) Eu, de coração, peço que não façam isso. Estudem com os CCAs aquela falta de crianças. Tem muita gente que quer entrar, que conhece o trabalho do CCA. Sabem a dedicação. Essas crianças são o nosso futuro. As crianças do nosso país, do nosso mundo. Podem representar. Tem ministro que representa o Brasil. E por que não, meu Deus do céu, dar essa oportunidade, pelo amor de Deus, para as crianças viverem, poderem aprender a ter uma vida digna, de respeito, de tudo? O mundo muda a cada dia. É internet, é não sei o quê. Às vezes, a criança não está conversando com o pai, não dá para conversar, p tem aquele aparelhinho. Mas não é, a geração muda. Infelizmente, ela muda. E vai mudar muito mais. Então eu peço, de coração. Perdoem a minha humildade. Mas, representando pais, tios, tias, avós, amigos, não tirem as nossas crianças, não percam, não tirem essa verba,

não. Aumente a verba, caramba! Tem dinheiro! Tem dinheiro, aumenta essa verba! Tira de outros lugares, Deus o livre, ou tire dos políticos!! (Palmas) Tem tanta coisa que eles pegam. A minha calça está até caindo. Desculpa. Mas é assim! Obrigado. Desculpa a todos. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Paulo Frange) – Tem a palavra a Sra. Scheila dos Santos Moraes.

A SRA. SCHEILA DOS SANTOS MORAES – Bom dia.

Quero cumprimentar a Mesa e todos que estão aqui nesta sala.

Falo como mãe de usuário do CCA. Tenho visto os cortes no CCA. Eu participo do conselho da escola municipal e também do CCA. Verifico que a secretária falou dos cortes das crianças que não comparecem ao CCA. Só que tem uma ficha lá que eles colocam a frequência, e não tem um lugar específico para justificar as faltas, que são muitas. Sim, porque falta roupa, falta comida em casa, ninguém sabe. A criança adocece e não dá para justificar. Então eu me compadeço da situação porque meus filhos também ficaram doentes. E vocês sabem que agora está uma ocorrência de sarampo. As crianças estão ficando muito doentes. Então vocês têm que verificar isso também. E ter uma área para a gente justificar.

A educação municipal vai comportar tantas crianças no ensino integral? Eu participo do conselho, e lá falta sabonete, álcool gel? Vai ter condições de ter alimentação? Vai ter condições de dar a teoria na prática? Porque eu não vejo isso. Eu vejo aquele ensino tradicional, em que o professor só fala teoria, e as crianças aprendem. E, no CCA, é teoria e prática. Meus filhos aprendem teatro, dança, artes. Então não vejo isso na escola. A alimentação é horrível. Eles não deixam a gente, que é do conselho, ter acesso à alimentação das crianças, e isso é direito da gente. Pensem como se fossem os seus filhos. E não tirem esse direito da gente, porque a gente só tem dever, a gente não tem direito. E a gente quer os nossos direitos. Vocês tiveram o direito de aumentar os seus próprios salários, não é? (Palmas) E nós que colocamos vocês aí. Eu sou mesária, gente. Eu represento vocês. Estou lá para ajudar como voluntária. Eu mesma me candidatei como voluntária para ajudá-los, e você não estão nos representando. (Palmas) É isso. Bom dia.

O SR. PRESIDENTE (Paulo Frange) – Tem a palavra o Sr. Aristides Menezes.

O SR. ARISTIDES MENEZES – Bom dia a todos.

Eu tenho três recados para três pessoas diretas. O primeiro é ao Prefeito desta cidade, Bruno Covas, que falou em reunião. E eu vou usar desta Casa e deste microfone para dar um recado direto a ele: democracia não faz somente a partir do voto, como ele diz, que é autorizado a fazer o que quiser com esta cidade. Aqui não é a casa da mãe Joana. E se fosse a casa da mãe Joana, seria muito mais organizado, seria muito melhor do que o que o estado está fazendo com a assistência social. (Palmas) É o primeiro recado. Não tem papo com esse cara. Não tem papo com esse prefeito. Tem luta, tem garra e tem amor. Muito amor, como as crianças demonstraram aqui. Pode ser uma casa muito feia para vocês, porque não é de dois andares e não tem elevador privativo, mas ela tem muito amor. Muito amor! Está surgindo um estado paralelo neste país. E nós, trabalhadores, crianças e adolescentes não vamos deixar. Nós não vamos deixar! (Palmas)

O segundo recado é direto para você, Secretária: a senhora disse em entrevista que em torno de 1500 vagas serão cortadas. Beleza. Eu sou educador social, tenho 32 alunos na sala. Vou citar nomes fictícios, mas existem nomes reais, de pessoas, vidas, situações reais.

O Joãozinho vive se cortando, e a voluntária, psicóloga, é uma das que mais trabalham, porque não é só esse Joãozinho. As nossas crianças estão ficando doentes, e cada dia mais cedo. E pior ainda: sendo lotadas de remédios de tarja preta. Outra situação: a Mariazinha, que, numa oficina de educação sexual, começou a chorar muito quando eu estava falando de autoestima, Secretária. E ela é uma menina negra de 12 anos. E por conta de três situações de racismo que ela passou, ela começou a chorar como se a mãe, ou alguém da família dela, tivesse morrido. E nós, do CCA, a acolhemos. Hoje, ela faz teatro, faz dança, e é empoderada na sua raça, é empoderada como cidadã desse estado. (Palmas) Tem o Joãozinho também que tem paralisia cerebral dentro da minha sala. Tenho outra Mariazinha que é deficiente física. Se o corte chegar no CCA, qual que eu escolho?! Essa é uma das

minhas perguntas: qual que eu vou escolher para tirar?

Outra, vocês justificam que há evasão, que não há demanda. Na minha sala, tem 32. Mais ou menos, por dia, faltam dois ou três, Sra. Berenice, que é o normal de qualquer escola, qualquer instituição, porque não aprisionamos criança para dar número dentro do CCA como outras instituições e secretarias fazem. E aí, beleza, vamos aumentar para 40 crianças na minha sala. E aí eu convido toda a Mesa, dos fóruns, os deputados, a Secretária, os secretários, sei lá, ajudantes, sei lá quem for, passem uma semana com 40 crianças dentro da sala. Eu quero ver se vocês vão aguentar! Além das crianças, vocês estão deixando os trabalhadores doentes! Eu tenho crises de ansiedades sérias, e, tenho certeza, muita gente aqui. Os trabalhadores estão ficando doentes por causa desse estado paralelo que está se formando.

Desculpem. Eu estou um pouco exaltado.

Eu concordo, companheiro, três minutos é muito pouco, viu, pai.

Nós não podemos usar a educação e a Secretaria de Educação, e nós, da Assistência Social também, não compactuamos de que ela sirva de matador de programa da Assistência, como outros programas acabaram, se encerraram, quando partiram para pastas distintas. A educação não é matadouro de programa da Assistência. E nós não vamos deixar também. Aqui, lotado; lá embaixo, lotado. E lá no primeiro andar é o recado dado das crianças, dos adolescentes, dos trabalhadores e de toda a população que usa desse mecanismo no seu dia a dia.

Agora, se é ordem do federal, se é ordem do chefe lá de cima de fazer todos esses cortes, eu vou jogar também a responsa para a Secretaria de Educação. Eu quero ver se vocês vão continuar com esse estado paralelo ou vocês vão chamar os trabalhadores, as famílias, os gerentes e as instituições para formar esse novo programa, a partir do povo, e não de vocês, porque vocês não nos representam. (Palmas) E eu, dentro da minha sala, consegui mover, de sexta-feira até hoje, 1500 assinaturas a partir das crianças.

Para encerrar, eu quero dizer que não fui eu, na verdade. Ontem e hoje eu ouvi

histórias das crianças se mobilizando. Por exemplo, indo para cima de Minhocão. Encontraram-se num sábado para saírem todas juntas para recolher assinaturas. E eu estou aqui pelas minhas crianças, pelas nossas crianças, e nós não vamos deixar. É luta, galera! (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Paulo Frange) – Senhorita Júlia Nathaly.

A SRA. JÚLIA NATHALY – Primeiramente, eu quero dar oi a todos.

Eu sou a Julia Nathaly, sou do CCA Elisa Maria, representando aqui.

O CCA é muito especial para nós. A gente gosta muito. A gente faz atividades que nos ajudam a evoluir na vida. Por exemplo, eu quero ser advogado mais para frente, ou veterinária, alguma profissão, pelo menos, que seja importante, porque, lá na frente, vai estar no futuro somos nós, não vai ser as pessoas que estão aqui, que não estão nem aí para a gente. Estamos falando sobre o nosso direito de ter coisas que a gente quer na nossa vida mais para frente. Eu queria muito estar aprendendo mais daqui para a frente, que não mexam com a gente, porque gostamos muito do CCA. A gente quer que ele continue, para outras pessoas entrarem também, conhecer um pouco do nosso futuro, porque a gente quer ter um futuro melhor.

Se a gente não tiver um futuro melhor quem vai ter? Porque só a gente quem manda em nosso futuro. Vamos ser alguém, assim, pelo menos aprender um pouco. Não temos nem escola e nem, CCAs direito, imaginem tirar os direitos que temos. Então assim: eu gosto muito do que eu tenho. Gosto muito do simples que eu tenho. Gente rica quer tirar nosso direito se de ser, eu gosto muito do direito que eu tenho e do direito que o CCA tem. Falo mesmo: a comida da escola não é boa, eu não como. Eu como mais no CCA, porque o CCA dá uma comida boa. É bem melhor. Além do mais nossos orientadores gostam da gente. Gostam da maneira como somos. É bem melhor a gente continuar lutando pelos nossos direitos. Assim não pode continuar. A gente gosta dos nossos direitos. Temos nossos direitos. Temos todo o direito de estarmos aqui batalhando para essa conquista. Não é para nada que viemos aqui, rodar por uma hora na estrada, para vir aqui e não acontecer nada, porque o Governo não fez nada para a gente. Eu acho melhor que tem de melhorar. Agradeço e quero muito mais união

entre os CCAs e que não acabe com ele. Porque isso é uma união enorme para nós.

O SR. PRESIDENTE (Paulo Frange) – Parabéns Júlia.

Com a palavra a Sra. Kátia Regina Pires. (Pausa) Ivone Cristina Hilário. (Pausa)

Vou passar a palavra para o Francis, Coordenador do Fórum.

O SR. FRANCIS – Sr. Presidente, na verdade eu pedi a palavra para cumprimentar um conselheiro do COMAS, que estava aqui presente, o Marcos. Muitas dessas coisas que estão acontecendo com o CCA, está a margem do Conselho, fiz questão de fazer a menção, Vou aproveitar para falar uma coisa que me incomodou muito e nas falas tentei ver se seria contemplado, mas a fala Secretária, ela trouxe uma coisa que me incomodou profundamente, que é o fato de falar aqui a público para gente que os equipamentos têm às vezes um número da demanda 200 inscritos e por causa de faltas, vai ser cortado. Isso demonstra tudo aquilo que o Fórum da Assistência vem publicando durante todo esse tempo. Para eles as crianças são apenas números. É como você chegar numa sala de aula, não veio os 30 alunos. Ah, vem em média 25, então cinco alunos a partir de amanhã você não deixa mais entrar. Não quer dizer que ele falta um dia, que ele falta sempre. Vai ter uma hora, é isso que a gente batendo, que vamos ter de cortar esses jovens. Ou seja, essas 30 vagas são 30 pessoas que, efetivamente, deixamos de atender. Em vez de estar trabalhando porque que essas crianças estão evadindo, não estão indo ao serviço, a gente tentar buscar. Estamos tratando as pessoas como números. Isso foi falar aqui da Secretária. Eu achei que eles não ia admitir esse tipo de coisa.

Então não é verdade que é são vagas ociosas. É falta. É falta no dia. Quer dizer não é todo dia que eu vou conseguir os 200, ai faço uma media aritmética de presença ao mês e falo que essas vagas estão ociosas. Palavra da Secretária. Está aqui. Eu gostaria de entender e deixar registrado a pergunta é para a Secretária, mesmo que fosse depois. Isso é possível tratar as pessoas como números, derrubar o número de atendimento baseado em faltas. Em média aritmética de faltas por mês?

O SR. PRESIDENTE (Paulo Frange) – Obrigado. Com a palavra Miriam Reis, do

do CCA Jardim Pirituba é mãe no CCA.

A SRA. MIRIAM REIS – Boa tarde a todos! Eu escrevi algumas coisas porque estou um pouco nervosa, confesso. Tenho quatro filhos, na verdade cinco. Quatro estão no CCAs. Eles ficam lá no período de 4 horas, intercalando o horário da escola. A minha filha mais velha ela tem 12 anos e já está lá há seis anos. E dentro desse período muita coisa aconteceu. Muita mesmo. Eu moro de aluguel e a importância para mim é tão grande dos meus filhos estarem lá, é o fato da segurança, por exemplo. O fato de eles não estarem na rua ou em casa sozinhos. Eles têm muita energia. O fato de não mexer no gás, de não querer aprontar alguma coisa que pode se machucar. Como já aconteceu, eu chegar do trabalho - eu sou agente de saúde, trabalho no posto, uma UBS próximo a minha residência - às vezes eu chego no posto tem um galo na cabeça de uma criança, tem de voltar para o posto novamente. É bem complicado a nossa situação quando têm bastante filhos, mas agradeço a Deus. Não estou aqui para reclamar dos meus filhos. Estou dizendo da importância deles estarem no CCA, Porque lá eles aprendem, por exemplo, a mexer com jardinagem: plantar, reciclagem. Eles fazem bolacha com chocolates, coisa que eu não tenho para fazer com eles em casa. Sobre a sexualidade: a importância de ninguém colocar a mão na parte íntima da gente. Desde pequenos eles aprendem isso. Já começa por aí. O lazer. Algumas pessoas falaram, eu mesma quando eu era mais jovem no colégio todos os passeios eu não tinha condições de pagar um passeio. Na época era a Turma da Mônica, enfim. Hoje, têm alguns passeios que eles vão gratuitos, os quais eu não teria condições para quatro crianças. Tem aulas de teatro, a culinária que eu falei, e fora os conflitos. A Amanda que é a representante do nosso CCA, ela já me ajudou em diversas situações. É briga entre eles mesmos, a questão do bullying, que eles fazem pela idade: “Ah Miriam vamos conversar por que sua filha ela fez isso e isso...” Eles ajudam na questão psicológica, não só dos alunos como um dos pais. É um vínculo familiar, entre os CCAs, num todo com a família. Eles ajudam em questão, por exemplo, eu como trabalho na UBS já aconteceu da gente fazer um vínculo entre a nutricionista explicar sobre os alimentos para as crianças, A importância de escovar os dentes. Isso no colégio não tem não

tem. Eu sou super frequente. Mesmo que eu não tenha o dinheiro para comprar o lanche, mas eu vou na escola. Eu vou no CCA, vou nas reuniões. Hoje eu estou aqui porque eu trabalhei na campanha do sarampo no sábado e eu pedi folga para estar aqui hoje. Eu não vim aqui á-toa. Peço que os senhores pensem não só nas crianças, nos funcionários também. Se realmente cortar verba vai ter essa mesma qualidade na escola integral? Por favor não fechem o CCA. As assinaturas estão com Francis. Agradeço, peço desculpas se eu deixei de falar alguma coisa mais importante. Obrigada!

O SR. PRESIDENTE (Paulo Frange) – Com a palavra Janaína Martins, aluna do Jardim Pirituba.

JANAINA MARTINS – (Criança) - Boa tarde! Meu nome é Janaína e eu estou aqui para defender o meu CCA junto com a Ana Vitória e a Mirele.

Eu amo o CCA. Elas cuidam muito bem da gente. Lá não estamos só para comer, e sim estamos para socializar e aprender a se desenvolver, se comunicar, e se expressar. Fazemos tudo isso e muito mais.

Imagina se fosse filho de vocês sofrendo no CCA. O CCA é incrível. Espero que você tenha um bom coração e devolvam a verba. Têm, crianças no nosso CCA que sofrem em casa e desabafam com as “tias” no CCA. A cozinheira do nosso CCA, cozinha muito bem, além da comida ser gostosa, ela cozinha com muito amor. A tia da limpeza deixa o CCA um brinco, fora a nossa direção. A Dona Amanda, faz tudo com muita dedicação. Eu criei uma musica para defender do CCA. Convida a Mirele que vai fazer a batida da música, e a Ana Vitória.

- Apresentação musical.

O SR. PRESIDENTE (Paulo Frange) – Obrigado. Com a palavra Jonathan Jonathan Tomás.

O SR. JONATHAN TOMÁS - Boa tarde a todos! Meu nome é Jonathan Thomaz, sou militante autonomista de vários movimentos sociais. desde os estudantes autônomos, até

movimento Passe Livre e outros movimentos que costumam atrapalhar a vida dos nossos participantes na Mesa, com todo carinho e respeito obviamente.

Estou aqui como Munícipe e como irmão de dois frequentadores do CCA, meus irmãos: Pedro e de Ana Júlia, do CCA Pirituba também. Eu sou estudante de geografia, e como estudante geografia eu queria apontar que a Assistência Social não é meramente um capricho do Estado. É a primeira linha de defesa contra o mundo criado para tirar as nossas crianças de um caminho bom, de um caminho produtivo e expô-las à violência drogas e outras coisas ruins que acontecem na periferia, especialmente, pelo modo que a nossa sociedade se organiza.

Acho muito equivocado a gente tirar essa Assistência Social e jogar nas mãos da Educação que tem meramente a função de criar mão de obra barata para alimentar uma máquina estatal mortífera que só quer saber de produção e arrecadação de impostos. A principal justificativa para esses cortes na minha visão é a falta de dinheiro. O Município parece que está afundando em dividas, mas por que não se considera, minimamente, a possibilidade de uma reforma política? Porque vocês não pensam na possibilidade de abaixar os seus próprios salários e cortar os seus benefícios? Porque não existe esse debate? Não só na Esfera municipal, mas Estadual, Federal?

Voltando ao Município. Meus irmãos mudaram, totalmente, depois de começar a frequentar o CCA. Lá eles têm acesso à cultura, não só ao modelo que o MEC emprega, eles fazem teatro, aprendem a agricultura, aprendem a gerenciar problemas familiares, aprendem a como lidar com bullying.

Não podemos esquecer, recentemente, o massacre de Suzano que foi uma fatalidade evidente do bullying, que as nossas crianças estão sofrendo ultimamente nesses anos. Isso só vai piorar. Vocês não podem olhar para Assistência Social como um número. Como uma pequena coisinha a ser administrada no Município.

Eu peço a vocês que encontrem outras formas de gerenciar essa crise. Não cortem a primeira linha de defesa da nossa sociedade para o caos, a desordem. Enfim, a Assistente Social ela é uma extensão da declaração de direitos humanos, cara. Todos têm acesso à

educação. Todos tem de ter acesso à alimentação, saúde.

Fico indignado, cada vez mais com esse estado que foi criado para nós, da população da periferia. Sofreremos cada vez mais. É impressionante. Parece que estamos indo para o abatedouro e vocês não ligam. É mais um desabafo. Estamos aí. Obrigado!

O SR. PRESIDENTE (Paulo Frange) – Obrigado Jonathan. Com a palavra a Sra. Simone.

A SRA. SIMONE – Continuado na minha fala. Nós temos um problema muito sério que o problema da negociação coletiva. Estamos em fase de negociação coletiva, porque nossa data base, 1º de julho. Tivermos uma pauta de reivindicação bem grande e que trazem, inclusive, pedidos sociais, melhores situações de trabalho, além de reajustes. Como foi o pedido da insalubridade para o pessoal que trabalha na alta e média complexidade. Então nós fomos para a assembleia das entidades. Na Assembleia, infelizmente, deliberação foi que a gente só teria condição de atender tanto esses pedidos de melhorias de trabalho quanto o reajuste salarial se tivéssemos o reajuste nos termos dos convênios - a gente chama de convênio, mas agora é termo de parceria -, se houvesse o reajuste por parte da Prefeitura para as entidades, porque as entidades não têm caixa. Sabemos que elas já vêm suportando uma defasagem razoável de anos anteriores; então, não teria como.

No meio das negociações, tivemos a notícia que a Secretaria da Educação deu 3,23%, sendo 3% de reajuste e 0,23% para contratação de profissionais. Em compensação, apesar do reconhecimento da nossa Secretária de que existia essa necessidade, não há condições de a Secretaria de Assistência hoje dar reajuste nenhum para nós. Agora, como as entidades que trabalham com as duas Secretarias, por exemplo, vão dar o reajuste salarial ou melhores condições só para metade dos seus trabalhadores? Nós temos que atender todos os nossos trabalhadores. Eles são empregados da entidade, colaboradores, funcionários, mas da entidade, e a entidade tem que passar o reajuste para todos. Só que não existem condições financeiras no momento. Então, existe aqui um pedido, sim, do Sinbfi, e aí eu sei que não é um problema só da Secretaria, mas da Secretaria de Finanças. Que olhem para esse setor,

que já é um setor precarizado, para que tenhamos condição de dar pelo menos um pouquinho da pauta de reivindicação que está aí.

O problema da insalubridade é um problema seriíssimo. As entidades estão tendo problemas de ações trabalhistas porque nós temos agentes e funcionários que estão sendo contaminados por agentes biológicos, além de outros problemas que eles enfrentam, como agressões *etc.*. Então, a insalubridade é algo importante, que nós reconhecemos; mas, infelizmente, não temos condição de dar. Nossa assembleia ofereceu zero por cento até que a Prefeitura deu o reajuste, e veio só da parte da Educação, infelizmente a Assistência não conseguiu.

Então, eu peço que a Prefeitura volte os olhos um pouquinho para isso e deixe de fazer outros projetos, que, apesar de entender como importantes, a meu ver pessoa é mais importante do que tijolo. Temos o projeto do Parque do Minhocão, que a todo o momento entra em discussão. Gente, estamos falando de seres humanos, cuidamos de vidas! Não há necessidade de se falar: “Ah, a Assistência é a melhor”; não é isso. Temos que dar a real importância que ela tem. E, por favor, que a nossa Secretária leve esse apelo ao Prefeito para que haja verba para nossos reajustes. Muito obrigada. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Paulo Frange) – Obrigado. Todos os documentos que foram recebidos pela presidência da Comissão...

A SRA. GABRIELA RIBEIRO NONATO – Licença. Eu gostaria de ser ouvida.

O SR. PRESIDENTE (Paulo Frange) -...sobre este evento serão levados à Comissão de Finanças amanhã para que se dê ciência a todos os membros. Em seguida, Sra. Secretária, nós reencaminharemos pela Comissão para que V.Sa. possa apreciar.

A SRA. GABRIELA RIBEIRO NONATO – Com licença. Eu também gostaria de ser ouvido.

O SR. PRESIDENTE (Paulo Frange) – Um minutinho, um minutinho. Você não estava inscrita?

A SRA. GABRIELA RIBEIRO NONATO – Não, não estava inscrita porque cheguei

aqui e não consegui nem entrar na sala. Eu consegui entrar agora e gostaria de ser ouvida como mãe de uma criança frequentadora do CCA.

O SR. PRESIDENTE (Paulo Frange) – Vamos fazer uma coisa bem democrática: todos concordam com que ela seja a última? (Manifestações de “sim” no recinto). Olha que legal. Vamos lá.

A SRA. GABRIELA RIBEIRO NONATO - Meu nome é Gabriela. Meu filho frequenta o CCA Estrela Nova. Na semana passada tivemos uma reunião para falar sobre o fechamento dos CCAs, que está acontecendo onde moramos. Pediram para tirar 90 crianças do CCA onde meu filho está. Onde eu moro é um lugar de risco, é uma periferia, onde há muitas crianças que não têm sequer oportunidade de ter uma vaga dentro do CCA. Graças a Deus consegui uma vaga para o meu filho, com muito custo; tive que ir ao CRAS, a um monte de lugares para conseguir essa vaga. Moro em lugar em que, se meu filho ficar na minha casa, a única coisa que ele vai aprender é a usar droga, roubar, traficar. Meu filho precisa do CCA! (Palmas) Meu filho aprendeu capoeira, flauta, um monte de coisas. Onde que uma criança da periferia vai ter contato com uma flauta? Onde uma criança periférica vai ter esse contato? Meu filho ama ir pra o CCA. Ele chegou em casa e disse: “Mãe, hoje no meu CCA ofereceram salmão”. Meu filho, nesta semana, terá churrasco no CCA para comemorar o aniversariante do mês. Em que escola se vê esse tipo de coisa? Ou comemoração de aniversariantes do mês?

Não vejo a hora de chegar outubro para meu filho fazer seis anos e entrar para o CCA. Sabem quanto uma pessoa cobra para cuidar de cada criança? Uma pessoa que trabalha na própria casa! Eu gostaria que vocês olhassem para mim; que parassem de mexer no computador, no celular e prestassem atenção no que estou falando, porque isso é importante. Se fossem vocês que estivessem falando, e nós estivéssemos mexendo no celular, seria uma falta de respeito. Então, como mãe, quero respeito de vocês.

Tenho dois filhos: um de 10 anos e um de 5 anos. Sou preta e periférica e não me envergonho disso, porque trabalho muito para dar ao menos o mínimo para os meus filhos. Meu último trabalho foi num hotel. Eu recebia 950 reais. Tive que rebaixar minha carteira, pois

eu já recebi muito mais, porque eu não estava arrumando trabalho. Sabem quanto uma pessoa cobra para cuidar apenas de um filho meu, para eu conseguir trabalhar? Trezentos reais. Se eu pagar para os dois, são 600 reais. Se eu recebo 950 reais, como pago aluguel, água, luz e comida? (Palmas) Então, eu preciso do CCA!

Uma moça foi ao CCA do meu filho e disse que lá era depósito de crianças. Depósito de crianças pode ser para vocês, que têm acesso a escolinha particular para seus filhos. Eu não tenho escola particular os meus filhos! Eu necessito do CCA para eu poder trabalhar e dar o mínimo para eles. Meus filhos precisam do CCA.

Eu demorei muito para conseguir entrar nesta sala. Eu vi um monte de gente saindo. Eu disse para as educadoras: “Eu vou lá, eu preciso ser ouvida, eu preciso falar, o meu filho precisa desse espaço!”. No dia da reunião, eu vi muitos pais lá embaixo. Eu chorei vendo muitos pais aqui, como sei que muitos pais aqui também têm muito que dizer. E outra: meu filho aprende muito mais no CCA do que na escola. (Palmas) Meu filho não tem vontade de acordar as 7 horas da manhã para ir para a escola dele, mas ele vai com toda garra para o CCA. Ele sente vontade de ir para o CCA! Meu filho sofria *bullying* na escola, muito *bullying*! Meu filho foi mordido por um pitbull e ficou com uma cicatriz imensa na boca. Ele começou então a sofrer *bullying*, as crianças falando que ele era catarrento, que ele um monte de coisas que não posso dizer aqui. No CCA ele começou a sofrer com isso. O que as educadoras fizeram? Conciliação com as crianças. Chamaram a mim e as mães de outras crianças. (Palmas) Nunca mais meu filho chegou em casa falando que sofria *bullying* dos coleguinhas. (Palmas) Em compensação, na escola, ele continua sofrendo *bullying*. Meu filho tem 10 anos, não precisa passar por isso porque o que aconteceu com ele foi uma fatalidade, foi um ataque de cachorro, que também não posso culpar. Infelizmente aconteceu. Mas meu filho aprende muito. Aprende a se socializar, meu filho aprende a respeitar os outros. Meu filho aprende a como ser humano, coisa que muitos não sabem o que é. Muitos não sabem olhar para o próximo e ter compaixão!

Nesta semana, meu filho estava falando de política comigo! Meu filho tem 10 anos

e já está se sentindo indignado com a nossa política. Sabem o que é uma criança de 10 anos debater política com você em casa e dizer: “Mãe, eu não acredito que eu estou vendo uma pessoa dizer isso!”. Vocês têm noção do que seja uma criança de 10 anos compreendendo que as pessoas que deveriam estar defendendo o futuro dele estão, na verdade, tirando o futuro?

Eu já falei o que tinha para falar. Muito obrigada por terem me ouvido. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Paulo Frange) – Quero agradecer a todos vocês. Ouviremos agora a Vereadora Soninha Francine, não sem antes de agradecer a vocês por nos ter ajudado a conduzir a audiência até aqui e por termos tido a oportunidade de ouvir todos com toda a tranquilidade. Foi muito bom. Não tenho dúvida nenhuma de que as falas foram muito interessantes.

A SRA. SONINHA FRANCINE – Obrigada, Vereadora. Gabriela, desculpe se eu não olhei para você o tempo todo enquanto você falava, mas eu tenho a péssima mania de fazer duas coisas ao mesmo tempo. Na verdade, eu tenho a maior dificuldade de fazer uma coisa só, e fico aqui mexendo enquanto escuto. Mas eu escutei cada palavra que foi dita aqui, do começo ao fim.

Quero dizer que nenhum de nós aqui precisa ser convencido, nenhum de nós tem dúvida de quanto os CCAs são fundamentais e do quanto a maioria dos CCAs faz um trabalho incrível. “Eu soube que foi dito”, “Correu rede social”, se alguém disse que CCA é depósito de criança, certamente estava se referendo a algum CCA de baixa qualidade, tanto quanto vocês se referiram, e muito, a escolas de baixa qualidade.

- Manifestações no recinto.

A SRA. SONINHA FRANCINE – Absurdo.

- Manifestações no recinto.

A SRA. SONINHA FRANCINE – Ótimo, ótimo. Absurdo alguém ter dito isso sobre o seu CCA especialmente ou sobre qualquer CCA bom alguém chamar de depósito de crianças um serviço de qualidade.

A mesma coisa em relação às escolas. Isso é muito preocupante para nós aqui. Nós nos ocupamos do CCA, tendemos a nos ocupar do bairro onde, se a criança não estiver no CCA, estará exposta à violência, ao crime, ao tráfico. Isso também é problema nosso. Não podemos simplesmente aceitar que fora do CCA a criança corra perigo, que no caminho para casa para o CCA e do CCA para a escola a criança corra perigo. Então, a montanha de problemas é gigantesca, e o CCA, definitivamente, não é um problema, a não ser um mau serviço, e esse tem de sofrer intervenção do Poder Público. É nosso dever, no regime de parceria – em que o serviço continua sendo público -, zelar pela qualidade dos serviços. E eventualmente o CCA ou qualquer outro convenio, como dizíamos, que não tenha qualidade, deve sofrer a intervenção do Poder Público. É lógico que os CCAs são importantes, bem como as escolas. Não podemos simplesmente nos conformar com que a comida na escola seja ruim.

- Manifestações no recinto.

A SRA. SONINHA FRANCINE – E provavelmente, muitas pessoas aqui, mas muitas também diriam: “Na escola do meu filho, a comida é boa”. Porque também não é verdade que todas as escolas são ruins, não é verdade que toda merenda das escolas é ruim. Há escolas excelentes.

- Manifestações no recinto.

A SRA. SONINHA FRANCINE – Claro, é assim que se faz.

- Manifestações no recinto.

A SRA. SONINHA FRANCINE – Desculpa, mas toda vez que alguém me diz: “É a maioria”, isso sempre precisa ser ponderado.

- Manifestações no recinto.

A SRA. SONINHA FRANCINE – Vou te dizer: eu já tive discussões aqui superaguerridas em defesa de parceria com a sociedade civil, porque as pessoas que defendem que seja tudo estatal, tudo de gestão direta, vêm aqui e me dizem que a maioria dos serviços conveniados é uma porcaria. Então, muitas escolas têm uma alimentação boa. As que têm alimentação ruim são motivo de denúncia, não só de uma manifestação em uma audiência pública; precisamos saber o nome da escola e temos que ir lá, sim, sem avisar, obviamente.

Então, pelo que eu compreendi da fala da Secretária -, e nós já havíamos nos preocupado com isso, com as comunicações oficiais, extraoficiais, boatos, rumores -, nenhuma criança vai ser cortada de nenhum CCA. Os CCAs não devem receber recursos por um número maior de criança do que aqueles que realmente atendem. Aí, a gente tem o desafio de distinguir se se trata de uma criança que foi um dia inscrita, cadastrada e nunca frequentou o CCA, e nesse caso essa é uma vaga que não existe; ou se trata de uma criança que falta frequentemente. São coisas completamente diferentes.

- Manifestações no recinto.

A SRA. SONINHA FRANCINE – Então,... Gabriela: se algum disse no seu CCA que 90 crianças que frequentam o equipamento serão desligadas, ou alguém entendeu mal ou alguém está de sacanagem.

- Manifestações no recinto.

A SRA. SONINHA FRANCINE – Exato. Sim.

- Manifestações no recinto.

A SRA. SONINHA FRANCINE – É um desafio. Você não pode mandar nenhuma criança embora. E se a Supervisão da Assistência não está sendo capaz de compreender a diferença entre uma criança em situação de vulnerabilidade, que falta muito, e uma criança cujo nome aparece lá, mas ela não é frequentadora, então precisamos conversar com a Supervisão da Assistência.

- Manifestações no recinto.

A SRA. SONINHA FRANCINE – Gente, eu também não quero falar 10 minutos. Eu preciso encerrar porque a Secretária vai falar.

- Manifestações no recinto.

A SRA. SONINHA FRANCINE – Isso é um problema concreto para ser resolvido. Tem que ouvir, é claro que tem que ouvir. Estou dizendo isso. É uma dificuldade real. Não se pode achar que uma criança que falta muito é uma criança que não frequenta o CCA e que o recurso correspondente àquela criança tem que ser cortado porque ela falta muito. Com certeza, é um desafio. Lidamos com os instrumentais, com a ponta, com o Gabinete, com a Supervisão de Convênios para que se leve em consideração isso. Nossos instrumentais são muito ruins, DEMES e Resup são horríveis. Você preenche um tiquetizinho lá: “Quantas famílias estão em cumprimento das condicionalidades?”, “Sim”, “Não” etc.. Isso é horrível, precisamos melhorar muito a avaliação não só do quantitativo como do qualitativo, as duas coisas combinadas, naturalmente.

Para concluir, peço, de verdade, que vocês nos tragam os casos, as escolas em que a merenda é ruim, porque não é para ser.

Quanto ao reajuste do sistema de parceria, conforme a data-base das categorias: vários Vereadores lutam muito por isso aqui na Casa. Mas ainda não conseguimos ter sucesso nisso: fazer com que o orçamento da Assistência Social correspondente às parcerias tenha uma previsão de aumento correspondente, no mínimo, àquilo que está estimado para a data-base, levando-se em conta a inflação do período, dentre outras coisas.

Agora entraremos na fase de elaboração da Lei Orçamentária para o ano que vem. Sabemos que os pais e mães trabalham e não têm disponibilidade de vir aqui toda hora, e não precisa. A Comissão de Finanças, com dois Vereadores hoje presentes, é composta por nove Vereadores no total, e não é difícil vir a uma reunião desta Comissão, que ocorre todas as quartas-feiras, às 11h30, para apresentar uma demanda concreta, um documento e outros elementos. Logicamente, vocês precisam de representantes políticos, que precisam dos insumos da população. Para defendermos mudanças no Orçamento, precisamos de dados concretos para mostrar aos outros Colegas, até porque todo mundo reivindica mais recursos, e com razão. Os recursos da Pasta de Meio Ambiente, por exemplo, são muito poucos no Município. Nós, os representantes, precisamos de mais recursos em várias áreas. Para isso, precisamos de retaguarda e informações, elementos que vocês, representados, muitas vezes têm melhor do que qualquer um, porque são vocês que estão concretamente lidando com as questões no dia a dia.

Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Paulo Frange) – Ok.

Agora o Francis, que coordena o Fórum de Assistência Social, vai fazer uma manifestação de encerramento.

O SR. FRANCIS LARRY – Gente, obrigado a todos pela presença. Hoje não é o fim. Este é só o começo, porque a nossa luta continua. Entendam este espaço, onde estivemos à frente dos nossos representantes do Legislativo e das Secretarias, como uma forma de

darmos um recado de como pensamos. Acho que aqui falamos, nos manifestamos, e as pessoas mostraram suas angústias. Nem eu tinha ideia da angústia que está causando essa transição e esse processo todo.

Saio daqui com as mesmas dúvidas que trouxe, apesar das falas, porque parece que não se conseguiu entender o que estamos falando, ou seja, que vamos, sim, ter que tirar crianças do CCA, apesar de falarem o contrário para a imprensa. Está, sim, sendo baseado na frequência, e essa fórmula que está sendo utilizada é incorreta, pois estão falando como se as entidades recebessem mais. Não sei que tipo de convênio é esse. Afinal, não devolvemos, no final da anualidade, os recursos que, eventualmente, não são usados? Não é assim? É ou não é?

- Manifestações no recinto.

O SR. FRANCIS LARRY – Parece que estamos embolsando. Estão achando que é como se fosse uma empresa, e isso não é verdade. Usa-se essa má fama que circula por aí sobre as ONGs e estão tentando pôr isso na nossa conta. Ou não é assim que estão fazendo?

- Manifestação fora do microfone.

O SR. FRANCIS LARRY – Exatamente! Nós conhecemos a nossa realidade e temos que continuar conscientizando as nossas comunidades.

Quero agradecer muito os Vereadores Paulo Frange e Soninha por terem acolhido essa bandeira e terem aberto esse espaço. Agradeço também ao representante da Secretaria de Educação e o Secretário que teve que deixar a audiência, além da Secretária Berenice por estar aqui. A nova Secretária está há pouco tempo, mas, desde que eu estou no Fórum – e já lidei com muitos Secretários –, nunca vi um diálogo tão ruim. E não é ruim porque as pessoas nos tratam mal, mas porque não conseguimos obter informações para passar para vocês, para

o Fórum. Não conseguimos ter aquele diálogo que sempre estabelecemos, não conseguimos falar com ninguém de lá. O melhorzinho é o Marcelo, o Secretário Adjunto, que só substituiu quando o Secretário sai. Com ele, realmente eu conseguia conversar mais, pois é do tipo que liga, que fala. Mas há uma dificuldade muito grande de passar informação para uma organização da sociedade civil.

Agradeço muito a todos vocês por terem atendido o chamado do Fórum, porque parece que essas pessoas não entendem que a sociedade civil está apreensiva com essas ações, e os nossos motivos e razões não conseguem ser entendidos.

Hoje é apenas um passo nessa nossa luta, que não é ser contra nem a favor – sequer estou me manifestando em relação a essa questão de ir ou não para a Educação. Só quisemos entender como foi esse processo.

Eu e todos nós saímos daqui com as mesmas dúvidas, mas este não é o fim, é só o começo. Lotar esse espaço mostra o nosso comprometimento como sociedade civil com essa causa. Ninguém vai fechar nada; com certeza; não sem a nossa luta.

O SR. PRESIDENTE (Paulo Frange) – Agradeço ao Sr. Marcelo, Secretário Adjunto da Secretaria de Assistência Social, a presença desde o início desta audiência. Obrigado, Marcelo.

Tem a palavra a Sra. Berenice, Secretária da Assistência Social.

A SRA. BERENICE GIANNELLA – Bom, eu acho que eu falei grego, porque eu disse que não íamos fechar os CCAs e houve um monte de manifestações diferentes.

Volto a dizer que temos um problema em trabalhar com essa questão das vagas. Eu não sei sobre o caso das 90 vagas que você citou. Se nós estamos falando de fechar 90 vagas, é porque você estava atendendo abaixo desse número.

Veja, o que temos que fazer é chegar a um entendimento de como potencializar isso. Por exemplo, se há cem crianças na fila de espera, não há como ficar com 90 vagas ociosas durante o dia, ainda...

- Manifestação fora do microfone.

A SRA. BERENICE GIANNELLA – Então, você precisa aumentar o número de matrículas para não ter que desligar tantas, porque, se você tem 360 vagas e só está com 210 crianças, desculpa, o seu trabalho não está bem feito, porque vocês não estão conseguindo chamar as pessoas.

- Manifestações no recinto.

A SRA. BERENICE GIANNELLA – Eu não quero discutir as questões particulares porque, como eu disse a vocês, na sexta-feira, teremos uma reunião só com essas 39 entidades para discutir esse assunto. É isso que nós queremos conversar com cada uma delas.

Apesar dessa confusão toda, fico até feliz, porque agora vamos ter que pensar numa saída para isso.

- Manifestações no recinto.

A SRA. BERENICE GIANNELLA – Nós temos que pensar numa saída para isto: por que tantas crianças estão faltando? Será que está faltando o Conselho Tutelar ir atrás? Será que está faltando busca ativa? Qual é o problema? Se estamos falando de um serviço de fortalecimento de vínculos, e há 30% de faltas, o fortalecimento de vínculos não está funcionando e talvez esteja faltando empatia do serviço com as crianças ou com as famílias.

- Manifestações no recinto.

A SRA. BERENICE GIANNELLA – Então, é isso que nós precisamos discutir.

Eu já falei que eu não quero discutir situações particulares, pois sobre isso nós vamos discutir na sexta-feira. Eu não tenho nenhum problema de rever a minha decisão.

- Manifestação fora do microfone.

A SRA. BERENICE GIANNELLA – Eu não tenho problema de rever a minha decisão, se vocês me convencerem de que nós estamos errados. Mas não podemos desperdiçar recurso público. Eu acho que temos que ter isto muito claro: por que alguns CCAs conseguem ter cem por cento de frequência e outros têm 70%?

- Manifestações no recinto.

A SRA. BERENICE GIANNELLA – Bom, enfim, nós vamos discutir isso na sexta-feira com as entidades. Volto a pedir que só as 39 entidades compareçam para não prejudicar a reunião. Vamos discutir isso muito claramente, porque ninguém nesta Secretaria e neste Governo é maluco e ninguém quer prejudicar crianças. Eu deixei muito claro que a ideia não era essa, mas nós temos que gastar bem o recurso público. Com crianças que estão faltando são 350 mil reais por mês que estamos jogando no lixo, e isso não pode acontecer.

- Manifestação fora do microfone.

A SRA. BERENICE GIANNELLA – Eu agradeço à Câmara Municipal de São Paulo e continuo à disposição. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Paulo Frange) – Obrigado, Secretária Berenice.

São 13h em ponto e teremos encerrar para disponibilizar a sala para um evento do Vereador Gilson Barreto.

Agradeço a todos a presença e como se comportaram. Mais do que nunca, temos

que fortalecer esses laços, pois não há dúvida nenhuma de que estamos do mesmo lado.

Também não há dúvidas sobre as atividades dos CCAs.

A partir de amanhã, deliberaremos, pela Comissão de Finanças, quais serão os próximos passos, pois ainda não ouvimos a Secretaria de Finanças.

Muito obrigado. Tenham todos uma boa tarde.
